



Escrita feminina dos dois lados do Atlântico

*Julieta de Melo Monteiro,
Sílvia da Vinha e Revocata Heloísa de Melo*

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES
ISABEL MARIA DA CRUZ LOUSADA
LUCIANA COUTINHO GEPIAK**



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.ua.pt

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



**Escrita feminina dos dois
lados do Atlântico:
Julieta de Melo Monteiro,
Sílvia da Vinha e Revocata
Heloísa de Melo**



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos

- Universidade do Vale do Rio dos Sinos -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra Infante Dom Henrique (CIDH) -

José Eduardo Franco

- CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Vania Pinheiro Chaves

- CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves
Isabel Maria da Cruz Lousada
Luciana Coutinho Gepiak

**Escrita feminina dos dois
lados do Atlântico:
Julieta de Melo Monteiro,
Sílvia da Vinha e Revocata
Heloísa de Melo**



CIPSH
INTERNATIONAL COUNCIL FOR PHILOSOPHY AND HUMAN SCIENCES
CONSEIL INTERNATIONAL DE PHILOSOPHIE ET DES SCIENCES HUMAINES

UNIVERSIDADE
AbERTA 
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2020

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Mauro Nicola Póvoas
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Ronaldo Oliveira Gerundo
Tesoureiro: Valdir Barroco

Ficha Técnica

- Título: Escrita feminina dos dois lados do Atlântico: Julieta de Melo Monteiro, Sílvia da Vinha e Revocata Heloísa de Melo
- Autores: Francisco das Neves Alves, Isabel Maria da Cruz Lousada e Luciana Coutinho Gepiak
- Coleção Rio-Grandense, 38
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- - Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Dezembro de 2020

ISBN – 978-65-89277-01-9

CAPA:

- Retrato de Julieta de Melo Monteiro – CABRION. Pelotas, 25 jan. 1880, a. 1, n. 51, p. 1.
- Retrato de Sílvia da Vinha – PONTOS E VÍRGULAS. Porto, a. 1, n. 48, 8 set. 1894, p. 4-5.
- Retrato de Revoca Heloísa de Melo – A VENTAROLA. Pelotas, 2 set. 1888, a. 2, n. 75, p. 1.

A história de todos os tempos mostra-nos um sem número de exemplos da capacidade intelectual da mulher; exemplos que se repetiriam diariamente, se fossem outros os elementos de que dispõe a companheira inseparável do homem, cuja educação tem sido até hoje tão cruelmente descurada, e cuja liberdade de proceder na sociedade, tem encontrado sempre as mais rigorosas peias, especialmente, em nosso país.

Julieta de Melo Monteiro

Pois bem: arranque-se a mulher ao círculo esmagador do convencionalismo servil e estúpido em que ela se debate; eduque-se; ilustre-se; abram-se-lhe amplos horizontes à inteligência; deixe-se que livremente ela alie aos seus dotes intelectuais a superior percepção de que dispõe, a sua incontestável e elevadíssima intuição do grande; deem-se-lhe grandiosos fins que lhe polarizem as ideias e ver-se-á a mulher cingida de uma nova e maravilhosa auréola.

Sílvia da Vinha

E quem mais no caso de desenvolver nos espíritos vacilantes, que a mulher instruída, sensível, senhora de educação sólida, que possa se estender aos conhecimentos que imperam na vida doméstica da sociedade?

Deixem-nos, pois, hastear nosso estandarte, soltarmos o grito não da rebeldia, nem da revolta anarquista, mas sim de apelo ao templo de Minerva, a luta em prol de nossos direitos.

Revocata Heloísa de Melo

Apresentação

A virada do século XIX ao XX constituiu um período de ampla expansão da escrita feminina. Progressivamente, as mulheres insistiam em adentrar e enraizar-se no meio intelectual conhecido, já com certos indícios de preconceito, como o mundo dos “homens de letras”. Enfrentado obstáculos e preconceitos de toda ordem, tais escritoras – algumas com certa notoriedade e outras praticamente condenadas ao esquecimento – perseveraram em suas pugnas e fizeram a diferença nos embates em prol de um novo papel social para a mulher e na difusão da escritura e da leitura de natureza feminina.

Este livro é o primeiro passo de um projeto voltado a estudar a escrita feminina dos dois lados do Atlântico, ou seja, nos contextos português e brasileiro, mais especificamente na porção mais meridional, em se tratando desse último. A formação histórica, as tradições culturais em comum, as proximidades literárias e a identidade idiomática foram alguns dos fatores que permitiram um significativo intercâmbio entre a intelectualidade luso-brasileira e isso se evidenciou em termos de escrita feminina, fosse pelas permutas propriamente ditas, fosse pelas recíprocas interinfluências.

Nesta primeira experiência, são destacados alguns trabalhos de Julieta de Melo Monteiro, Sílvia da Vinha e Revocata Heloísa de Melo em suas imersões no mundo do

feminino, notadamente em direção à causa da emancipação das mulheres. Seus escritos publicados em periódicos e/ou editados/reeditados no formato bibliográfico traziam consigo o papel do “intelectual-jornalista”, pelo qual o periodista adquire uma autoridade intelectual para agir no seio da sociedade (BOURDIEU, 1997, p. 111), de modo que os campos literário e jornalístico articulam-se entre si, para, a partir do prestígio intelectual, adentrarem o campo do poder (BOURDIEU, 2007, p. 185, 188 e 190).

A escolha das autoras recaiu sobre duas que atuaram toda a vida em uma cidade portuária no sul do Brasil, o Rio Grande, onde Julieta e Revocata exerceram toda a sua ação intelectual; e sobre outra, Sílvia, cujos escritos apareceram junto à imprensa de uma outra cidade portuária, no norte de Portugal, o Porto. As duas primeiras obtiveram certo reconhecimento, já o nome da terceira ficou perdido em meio à poeira da historiografia literária. O intento deste livro é o de levar ao público fragmentos textuais das escritoras – notadamente contos, crônicas e ensaios – nos quais elas fizeram alguma referência ao ambiente feminino da época, em especial quanto ao papel social da mulher e às lutas pela causa feminina.

SUMÁRIO

Julieta de Melo Monteiro: algumas incursões ao feminino.....15

Sílvia da Vinha: o feminino e a emancipação.....55

Revocata Heloísa de Melo: a presença da mulher.....87

Julieta de Melo Monteiro: algumas incursões ao feminino

Francisco das Neves Alves*

A escritora Julieta de Melo Monteiro (1855-1928) foi uma das mais importantes representantes da escrita feminina do sul do Brasil, conquistando uma notoriedade intelectual que ultrapassou as fronteiras regionais e nacionais. Publicou os livros *Prelúdios* (1881), *Oscilantes* (1891), *Alma e coração* (1897) e *Terra sáfara* (1928 - edição póstuma) e, junto da irmã Revocata Heloísa de Melo, editou *Coração de mãe* (1893) e *Berilos* (1911). Julieta foi a editora de um dos precursores periódicos femininos sul-

* Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017) e à PUCRS (2018). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e trinta livros.

rio-grandenses, a *Violeta*, editado entre 1878 e 1879, contando com redação e colaboração exclusiva e voltado à leitura de mulheres. Além disso, colaborou na redação do *Corimbo*, a mais longeva publicação feminina brasileira. Dentre as tantas causas defendidas por Julieta Monteiro, uma das mais importantes foi àquela ligada à condição social da mulher, e alguns textos referentes a tais abordagens são destacados a seguir.

Alma e coração, publicado em 1897, foi o quarto livro da lavra de Julieta de Melo Monteiro. O título era acrescido do subtítulo *Livro do passado*, indicando que se tratava de uma obra composta de reminiscências da escritora. Foi editado na Tipografia Trocadero, uma tradicional firma de impressão da cidade do Rio Grande. O livro é dedicado aos irmãos da autora, Revocata Heloísa de Melo e Romeu dos Passos e Melo. A publicação conta com duzentos e dezesseis páginas e seu conteúdo divide-se em três segmentos.

A primeira parte tem o título de “Ideais” e se refere ao ideal amoroso, contando com breves textos nos quais a tônica dominante são os sentimentos, versando sobre diversificados temas como encantos e decepções amorosas e alcances e limites nas relações a dois. Há uma tendência mais próxima da melancolia, uma das marcas registradas dos escritos de Julieta. A segunda parte é chamada de “Multicores”, sendo composta mais uma vez por textos curtos, lembrando crônicas de circunstâncias, nas quais a escritora parecia descrever algumas de suas vivências, ou ainda estórias fruto de sua imaginação. Muitas delas trazem reflexões, compreendendo fragmentos do pensamento e/ou juízos de valor emitidos pela autora. Dentre elas aparecem “Sogras e madrastras”, “Duas faces”, “Uma notícia” e “A mulher”.

Finalmente, “Palentes” é a terceira parte. A palidez que inspira o título desse terceiro segmento serve para dar o tom dos textos, predominantemente soturnos e por vezes até mórbidos. O fio condutor dessa parte é um dos temas preferidos de Julieta Monteiro, ligado à finitude da vida. Nesse sentido, a morte é praticamente a protagonista das histórias, umas taciturnas e algumas chegando até a beirarem um tênue suspense ou até um certo terror, como fatores motores do estímulo à leitura, nessa parte se encontra o texto “A confissão”.

Na abertura do livro, Julieta Monteiro fazia uma breve apresentação aos seus leitores, destacando que *Alma e coração* constituía um reflexo do seu presente e, mormente do seu passado, daí o subtítulo da publicação. Ela revelava também ter uma preocupação com a expressão das emoções e das recordações e esclarecia que era indiferente àqueles que vissem com maus olhos a sensibilidade expressa no livro. Nesse sentido, esclarecia que sua escritura era estruturada em seus sentimentos e voltada para aqueles que a pudessem compreender, de modo que se sua obra ao menos agradasse a alguns, pois seria impossível agradar a todos, ela já estaria satisfeita. Outra declaração importante estava nas notas finais, nas quais Julieta esclarecia que a maior parte dos escritos que compunham aquele volume, já era conhecida do público, que os lera em diferentes jornais, em que ela utilizara seus pseudônimos de Ego, Sibila, Atala e Forasteira (MONTEIRO, 1897, p. 5-6 e 209).

Um dos textos publicados por Julieta de Melo Monteiro nesse livro vem ao encontro de um dos pontos altos da obra de Julieta, constituindo um escrito engajado em nome da causa feminina e da luta por um novo papel para a mulher na sociedade. Na virada de 1891 para 1892, o *Corimbo* já havia publicado em partes tal texto intitulado “A

mulher” (CORIMBO, Rio Grande, 20 dez. 1891, a. 8, n. 61, p. 1-2; e 20 mar. 1892, a. 8, n. 72, p. 1), sendo ele reeditado na íntegra nas páginas de *Alma e coração* (MONTEIRO, 1897, p. 165-171). O artigo trazia em si uma síntese do pensamento defendido pela autora em torno da luta pela educação e emancipação feminina. Na abertura do texto, a escritora opinava que a mulher era e continuaria sendo sempre o assunto predileto do homem, fosse de maneira positiva ou negativa. Nesse sentido, afirmava que quer endeusando-a, quer emprestando-lhe defeitos que estava longe de possuir, muitas eram as penas que diariamente apareciam para descrevê-la. Segundo Julieta, tais percepções tratavam da missão feminina junto ao lar e davam justo ou errôneo parecer sobre as habilitações e empresas concernentes ao sexo feminino. A jornalista rio-grandense destacava ainda que grande parte dos homens, e especialmente aqueles cujo espírito não tinha o necessário desenvolvimento, se posicionavam pela “decantada trilogia *filha, esposa e mãe*”.

No artigo, Julieta Monteiro assumia uma postura de combate, ao afirmar que aqueles que pretendiam atribuir à mulher única e exclusivamente as funções domésticas, não poderiam e não queriam concordar que esse ente apelidado de fraco, pudesse desempenhar no vasto cenário do mundo um papel igual e até muitas vezes superior ao do homem. Ela se referia a um livro editado em 1868, cuja autoria era indicada pelas iniciais A. R. T. S, e citava a autora do *Tratado da emancipação da mulher e direito de votar*, ao dizer que era uma arrogância do homem pensar que a cabeça feminina não poderia rivalizar com a dele. De acordo com Julieta, essa seria uma premissa incontestável e, para corroborar com a tese, destacava que a história de todos os tempos mostrava um sem número de exemplos da capacidade intelectual da mulher, havendo casos que se

repetiriam diariamente, se fossem outros os elementos à disposição das mulheres. A tal respeito, a escritora discorria sobre um de seus temas preferidos, alegando que a educação feminina vinha sendo até então cruelmente descurada, bem como a liberdade de proceder na sociedade de parte da mulher, vinha encontrando sempre as mais rigorosas peias, especialmente no Brasil.

A jornalista opinava ainda que não lhe parecia haver razão para aquele tratamento em relação às mulheres e saudava o fato de ver que ao seu lado batalhavam “grandes espíritos”, que lutavam em prol da educação e emancipação da mulher. Na concepção da escritora, tal qual o homem, a mulher tinha direitos e poderia pensar e agir como ele. Para comprovar suas asseverações, Julieta Monteiro citava vários autores, como o pensador francês Condorcet, e os britânicos Godwin e Bentham, considerados como “ilustres democratas europeus” que reconheceram o direito da mulher. Na mesma direção, ela afirmava também que “os mais alevantados talentos” da Alemanha, França e Inglaterra concordavam na igualdade de inteligência entre os dois sexos. Diante disso, Julieta exclamava: “Deixem-na, pois, dar livre curso às suas ideias: trabalhar e pensar por si”. Voltando à estratégia das citações, sem explicitar a autoria, ela destacava que uma ilustrada pena teria escrito que enquanto a mulher subsistisse somente pelo trabalho do marido, a sua condição seria sempre triste, estando sem representação na sociedade e sempre exposta e maltratada especialmente pela classe dos homens pouco ilustrados.

De acordo com a intelectual-jornalista, seria necessário que a mulher rompesse os “ridículos preconceitos” a que infelizmente por uma mal entendida submissão, teimava em prestar culto. A poetisa sustentava ainda que a mulher poderia ser inteligente, ativa, empreendedora, sem esquecer o santuário da família, mas

tomando parte empenhada em todos os tentames proveitosos, onde pudesse salientar-se. Na concepção de Julieta, a mulher poderia destacar-se pelo seu critério, pela sua eloquência persuasiva, pela sua fácil compreensão, pelo modo judicioso com que encarava certas questões, diante das quais os homens se lançavam apaixonadamente e sem tempo de verificarem e estudarem o principal caminho a tomar.

Na continuidade de seu texto engajado à causa feminina, Julieta Monteiro destacava que julgavam as mulheres como fracas, incapazes de regenerarem-se por si, e, por esse motivo, consideravam-nas absolutamente dependentes do pai, do tutor, do esposo, de um homem enfim que lhes pudessem abrir os olhos, para que se não precipitassem no abismo ao qual a “proverbial ignorância e falta de prática”, as levariam inevitavelmente. Na visão da escritora tal argumentação não passava de um engano, defendendo a opinião contrária, segundo a qual, a mulher não nascera simplesmente para obedecer. Para corroborar com sua perspectiva, Julieta enfatizava que a história mostrava que muitas mulheres tinham dado irrecusáveis provas de sua capacidade para governar, citando alguns casos que teriam constituído excelentes testemunhos do quanto poderia atingir a inteligência, o critério, a força de vontade e a tática da mulher. Quanto aos que se antepunham à confirmação das capacidades femininas, a jornalista rio-grandense declarava que causava pasmo que algumas penas deixassem cair de seus bicos tão saliente contrassenso.

Em clara alusão à sua profissão, Julieta Monteiro lembrava nomes de jornalistas que tinham se destacado no contexto internacional e, diante de tal cenário, questionava como se poderia negar à mulher influência nos grandes cometimentos internacionais. Segundo a autora, os homens,

especialmente aqueles cujo espírito era um foco de ilustração, deveriam antes animar a mulher a que estudasse, se educasse e se ilustrasse, de modo a que assim poderia ocupar na sociedade o lugar que a ela competia. Para a poetisa, tal postura de apoio seria a mais recomendável para os homens, ao invés de estarem procurando desprestigiar a mulher, rindo de uma ignorância cruel a que ela estaria condenada e, que, para a escritora era incompatível com o século de Victor Hugo, o século das luzes. Julieta reconhecia que a mulher brasileira, quase que no geral, pertencia ao número daquelas que desconhecia, em termos literários, as “glórias de seu florescente país”, mas imputava a culpa de tal situação aos homens. Assim, na sua percepção, a maior soma de responsabilidade dessa fatal cegueira, dessa calamitosa treva, na qual a mulher tateava, cabia incontestavelmente ao homem.

Nessa perspectiva, a escritora gaúcha defendia que, ao invés de condenar a mulher à ignorância, ao homem cabia mostrar-lhe a luz, e, para tanto, não seria necessária nenhuma luta titânica, uma vez que a mulher era inteligente e, convenientemente educada, poderia estar sempre a par do homem no grande convívio social. Mais uma vez recorrendo aos dizeres de um intelectual, no caso o político, jornalista e escritor pernambucano Joaquim Nabuco, apontado pela escritora como “cabeça gigante” e “talento adorável”, citava suas palavras, ao afirmar que a posição da mulher na vida moderna tendia a rivalizar com a do homem, pois a indústria não conhecia sexos, bem como inteligência, aptidão e honestidade seriam grandes qualidades de operário que a mulher possuía em elevado grau. Ao concluir o artigo, Julieta Monteiro optava novamente pela citação, desta vez oriunda dos dizeres do escritor português Augusto Emílio Zaluar, apontado pelo

epíteto de “inolvidável pena do poeta das *Revelações*”, o qual traçara em “caracteres de ouro” uma “grande verdade”, a qual seria: “*Procurar instruir os homens, e deixar na ignorância as mulheres, é um erro e um crime*” (ALVES, 2018a, p. 45-48 e 104-109).

A mulher

A mulher tem sido, é, e será sempre o assunto predileto do homem.

Quer endeusando-a, quer emprestando-lhe defeitos que está ela longe de possuir, muitas são as penas que diariamente aparecem para descrevê-la, tratarem de sua primeira missão – a do lar, e darem justo ou errôneo parecer sobre as habilitações e empresas concernentes ao seu sexo.

Opina grande parte dos homens, e especialmente aqueles cujo espírito não tem o necessário desenvolvimento, pela decantada trilogia *filha, esposa e mãe*.

Não podem, não querem concordar em que, esse ente apelidado fraco, possa desempenhar no vasto cenário do mundo um papel igual e até muitas vezes superior ao deles.

Disse a autora do *Tratado da emancipação da mulher e direito de votar*: “É uma arrogância do homem pensar que a cabeça feminina não pode rivalizar com a dele”.

E incontestavelmente assim é.

A história de todos os tempos mostra-nos um sem número de exemplos da capacidade intelectual da mulher; exemplos que se repetiriam diariamente, se fossem outros os elementos de que dispõe a companheira inseparável do homem, cuja educação tem sido até hoje tão cruelmente descurada, e cuja liberdade de proceder na sociedade, tem

encontrado sempre as mais rigorosas peias, especialmente, em nosso país.

Não nos parece, no entanto, que haja razão para isso, e folgamos em ver que a nosso lado batalham grandes espíritos, que lutam em prol da educação e emancipação da mulher.

Como o homem, ela tem direito: como ele, ela pode pensar e agir.

Condorcet, Godwin e Bentham, etc., ilustres democratas europeus, reconheceram o direito da mulher.

Os mais alevantados talentos da Alemanha, França e Inglaterra, concordam na igualdade de inteligência entre os dois sexos.

Deixem-na, pois, dar livre curso às suas ideias: trabalhar e pensar por si.

Escreveu uma ilustrada pena: “Enquanto a mulher subsistir somente pelo trabalho do marido, sua condição será sempre triste, não representará na sociedade, e estará sempre exposta e maltratada especialmente pela classe dos homens pouco ilustrados”.

É necessário, pois, que ela, rompendo os ridículos preconceitos a que infelizmente por uma mal entendida submissão, teima em prestar culto, apareça tal qual é, inteligente, ativa, empreendedora, não esquecendo o santuário da família, mas tomando parte empenhada em todos os tentames proveitosos, onde pode salientar-se pelo seu critério, pela sua eloquência persuasiva, pela sua fácil compreensão, pelo modo judicioso com que encara certas questões, onde os homens se lançam apaixonadamente e sem tempo por conseguinte de verem e estudarem o principal caminho a tomar.

Julgam-nas fracas, incapazes de regenerarem-se por si, e por esse motivo fazem-nas absolutamente dependentes do pai, do tutor, do esposo, de um homem

enfim que lhes possa abrir os olhos, para que se não precipitem no abismo onde a sua proverbial ignorância e falta de prática as pode lançar! Engano.

A mulher não nasceu simplesmente para obedecer: a história nos mostra que muitas delas têm dado irrecusáveis provas de sua capacidade para governar.

Catarina, da Rússia, Maria Tereza, da Hungria, Cristina, da Suécia, Joana d'Albret, mãe de Henrique IV, Elizabete, da Inglaterra, e mais Blanche, mãe de Luiz IX, da França, Isabel de Catela, etc., deram excelentes testemunhos do quanto pode a inteligência, o critério, a força de vontade, a tática da mulher!

Recorrendo ainda à história, ela nos diz que, a célebre oradora Susana Drassowich, no mais crítico período da Hungria, no reinado de Fernando e Isabel, em Salamanca e Alcalá, conseguiu, penetrando na Assembleia, salvar o país com os seus sábios conselhos, com a sua palavra fluente e arrebatadora, e com as luminosas orações em latim, com que enchia os jornais diariamente.

Não há muito, uma folha fluminense cujo nome não nos acode na ocasião, falou dos nenhuns testemunhos apresentados até hoje, da capacidade da mulher nas letras, nas artes e nas ciências!

Causa pasmo que uma ilustrada pena, deixe cair de seus bicos tão saliente contrassenso!

Acaso a senhora Hiesha, filha de Mahomed-ben-Laduim não foi tida pelo maior gênio do século X?

O primeiro jornal diário conhecido, não teve como redatora Isabel Mallet?

E Margarida Crapper, após o falecimento de seu esposo e redator da folha *Massachusetts Gazette and Newsletter*, não tomou o seu lugar, mantendo o jornal corajosamente, tanto que foi ele o único a não suspender a publicação quando Boston esteve em sítio?

Quem em 1773, à frente do *Diário Colonial*, nos Estados Unidos, defendeu heroicamente a liberdade pátria?

Não foi Clementina Reid?

Como pois, negar à mulher influência nos grandes cometimentos universais?!

Os homens, especialmente aqueles cujo espírito é um foco de ilustração, devem antes animar a mulher a que estude, eduque-se, ilustre-se, para que possa ocupar na sociedade o lugar que lhe compete, do que estar procurando desprestigiá-la, rindo dessa ignorância cruel no século de Victor Hugo, no século das luzes!!

É certo que a mulher brasileira, quase que no geral pertence ao número daquelas que nos fala *Ignotus*, o ilustrado jornalista fluminense: Desconhece Aluísio de Azevedo, Machado de Assis, Rodolfo Bernardelli, e outras tantas glórias de seu florescentes país.

Porém, a quem cabe maior soma de responsabilidade dessa fatal cegueira, dessa calamitosa treva em que ela vive tateando?

Incontestavelmente ao homem.

A ele compete o mostrar-lhe a luz, porque para isso não será necessária nenhuma luta titânica, pois, a mulher, repetimos, é inteligente, e, convenientemente educada poderá, dizemo-lo afoitamente, estar sempre a par do homem no grande convívio social.

Joaquim Nabuco, essa cabeça gigante, esse talento adorável, escreveu: *A posição da mulher na vida moderna tende a rivalizar com a do homem; a indústria não conhece sexos; inteligência, aptidão, honestidade, são grandes qualidades de operário que a mulher possui em elevado grau.*

E a inolvidável pena do poeta das *Revelações* traçou em caracteres de ouro esta grande verdade:

Procurar instruir os homens, e deixar na ignorância as

mulheres, é um erro e um crime.

Alma e coração: livro do passado. Rio Grande: Tipografia Trocadero, 1897. p. 165-171.

Nas páginas do *Corimbo* o combate em nome de uma nova condição social para a mulher foi constante. Na folha literária e feminina, Julieta Monteiro publicou consecutivas colaborações acerca do tema, chegando a gerar debates quanto às questões por ela defendidas. De acordo com tal perspectiva, foi publicado o artigo denominado “Duas faces” (CORIMBO, Rio Grande, 29 mar. 1891, a. 7, n. 23, p. 1), segundo o qual havia duas formas inteiramente opostas de educar a mulher, ou seja, mostrando-lhe todos os horrores do mundo, todas as perversidades de que era capaz o homem, ou, por outro lado, cobrindo-a com denso véu, sempre que tivesse de enfrentar as misérias que a sociedade apontava diariamente. A autora buscava adotar uma postura medianeira, demonstrando os prós e contras de cada uma das formas de instruir as meninas, e propondo que elas não fossem deixadas na plena escuridão, mas que também não fossem expostas a toda hediondez. Revelando abertura em relação a outros pensamentos, a articulista pedia opiniões quanto ao tema, uma vez que, para ela, seria tão grato o aprender.

O artigo de Julieta trazia a necessidade da educação para as meninas como uma condição *sine qua non* na formação das mulheres. As estratégias para promover a educação feminina acabaram por transformar-se em assunto de debate, promovido em meio às páginas do periódico, com a participação de dois escritores rio-grandenses, os poetas e jornalistas Tito Canarim e Cipriano Porto Alegre. A resposta de Julieta Monteiro foi expressa

por meio do artigo “Ainda a educação da mulher” (CORIMBO, Rio Grande, 5 abr. 1891, a. 7, n. 24, p. 1-2; 12 abr. 1891, a. 7, n. 25, p. 1-2; 19 abr. 1891, a. 7, n. 26, p. 1-2; e 3 maio 1891, a. 7, n. 28, p. 1), no qual ela ponderava sobre as posições dos citados articulistas, o primeiro contrário e o segundo favorável às suas ideias e vindo a concluir que preferia manter a formação das meninas o mais afastada possível dos vícios, mas sem abandonar a perspectiva da necessidade da instrução feminina.

Como o debate permaneceu, a poetisa gaúcha lançou argumentos com maior veemência no texto “Respondendo ao artigo” (CORIMBO, Rio Grande, 17 maio 1891, a. 7, n. 30, p. 1), no qual reiterava que preferia ver a educação das meninas sem a necessidade de um contato maior com os vícios e as chagas da sociedade. A escritora reagia à argumentação de que no cenário da vida, a mulher poderia ser apenas boa filha, esposa ou mãe, destacando que tal “trilogia” tinha representatividade para ela, mas estaria bem longe de limitar à mulher a esse círculo, onde era certo que desejava vê-la, a grande ou a maior parte do sexo varonil. Ela opôs-se frontalmente à dedução de seu oponente de que preferia a mulher ignorante, vindo a afirmar que queria a mulher educada, instruída, ilustrada, identificada com as evoluções do progresso humano, bem como seguindo o caminho do século e participando das glórias e dos infortúnios do homem.

Ainda houve outros dois artigos dos contendores, com a deposição de armas do polemista que antagonizava com Julieta. Mas a escritora não se mostrou satisfeita e, novamente de forma enfática, publicou o artigo “Ainda e sempre” (CORIMBO, Rio Grande, 24 maio 1891, a. 7, n. 31, p. 1-2; e 31 maio 1891, a. 7, n. 32, p. 1-2). No texto, a escritora fazia uma exortativa defesa da condição feminina, não aceitando que seu antagonista usasse expressões como

“vence porque é delicada, porque é mulher, porque não nos animamos a prosseguir”, diante do que reagia, declarando que rejeitava a vitória oferecida, pois se tivesse pretensões ao triunfo, desejaria obtê-lo pela razão.

A resposta de Julieta Monteiro trazia em si uma defesa peremptória da mulher, afirmando que não queria, como supunha seu rival, divinizar o sexo feminino, argumentando que, caso as mulheres tivessem a vaidade de que eram acusadas, poderiam ter por base as homenagens recebidas pela palavra, pela pena e pelo coração dos homens. Fazendo referências quanto à visão de certas nacionalidades para com o papel da mulher, Julieta concluía que preferia vê-la grande, digna e exemplar (ALVES, 2018a, p. 102-104). No livro *Alma e coração*, Julieta reeditou o artigo “Duas faces”, o qual dera origem a todo o polêmico debate. Em notas finais, apresentadas ao final do livro, a autora tecia um comentário sobre o texto em questão, explicando que a partir dele se originara “uma animada polêmica”, com duração de dois meses (MONTEIRO, 1897, p. 209-210).

Duas faces

Há duas formas inteiramente opostas de educar a mulher:

Mostrando-lhe todos os horrores do mundo, todas as perversidades de que é capaz o homem, ou cobrindo-a com denso véu sempre que tiver de enfrentar com as misérias que a sociedade nos aponta diariamente.

O fim em ambas as formas é o mesmo: afastá-la do caminho do crime.

Victor Hugo disse: “O único perigo social é a escuridão”; é portanto necessário que seja feita a luz para

que possamos ver a vereda por onde trilhamos. Mas será dever dos pais desvendar os mais negros quadros da existência desses entes que passam pela vida sem colherem senão maldições e motejos, sorrisos de desprezo e asco, para dizerem às delicadas flores que são metade de sua existência, a doirada cadeia que os liga ao mundo: – vede, olhai, escutai todas essas blasfêmias, e agora que sabeis tudo, agora que conheceis o lodo, afastai-vos dele; fugi para bem longe, mas... não o olvideis a fim de terdes sempre diante de vós os efeitos de quem nele se lança?!

Não nos parece que sim. Educada sob outros princípios tendo como mentora uma mulher virtuosa e ilustrada, que carregava o sobrolho ao ouvir pronunciar por uma menina uma palavra menos casta; que não entregava em mãos de uma filha, um livro cuja leitura não houvesse ainda sido feita por ela, e que as ensinava a erguerem-se da sala logo que a conversação recaía sobre assuntos que as mesmas devessem ignorar, não nos podemos habituar a esse modo de encarar a educação feminil. Tem ele no entanto bastante adeptos.

Se a mulher desconhece o mal, como há de abster-se de praticá-lo, dizem eles?

Se nunca ouviu falar das ciladas armadas a cada passo pelos réprobos do mundo, como fugir-lhes?

Não nos damos por convencida com semelhantes argumentos.

Há muito quem não visse o *lodo* e não se deixe contudo cair nele, se um dia o deparar em seu caminho.

É certo que quem caminha nas trevas tem maior probabilidade de cair; mas, a quantas inditasas crianças, tem seduzido o pó doirado de que se cobrem muitas dessas desgraças em que a fatalidade lança infelizes criaturas que como nós tiveram no berço afagos e carinhos?

Adoramos as almas puras, os corações sem nuvens tenebrosas a ensombrarem os seus róseos sonhos, os sorrisos cândidos.

Detestamos os *maliciosos* e repugnam-nos as *maliciosas*; afastamo-nos dos que trocam olhares expressivos quando alguém inocentemente pronuncia um termo a que eles dão significação diversa, e dispensamos de bom grado os *autores da moda* que fazem garbo em desnudar as chagas, as úlceras mais repugnantes.

Serão retrógradas as nossas ideias? Talvez.

Não há muito, na capital federal, um jornalista disse:

A mulher deve saber tudo.

Respondam-nos, pois, os que puderem nos mostrar o erro em que labutamos.

É-nos tão grato o aprender...

Alma e coração: livro do passado. Rio Grande: Tipografia Trocadero, 1897. p. 157-160.

Também nas páginas de *Alma e coração*, Julieta Monteiro apresentou o texto “Sogra e madrastra”. Tratava-se de mais uma reedição, uma vez que o original aparecera no *Escrínio*, folha literária santa-mariense (ESCRÍNIO, Santa Maria, 28 fev. 1901, a. 4, n. 4, p. 1-2). A autora abordava aqueles dois papéis sociais exercidos pelas mulheres e que, em linhas gerais, contatavam com apreciações negativas em meio às vivências sociais. Julieta dizia não entender as razões da condenação às sogras e madrastras, apostando que nem sempre elas deveriam ser necessariamente más. Levando em conta a defesa do feminino, a escritora lembrava que a qualidade moral ou comportamental do indivíduo deveria ser analisada

independentemente de questões de gênero. Embora declarasse que jamais estaria em condições de sentir na pele as particularidades daqueles níveis de parentesco, Julieta Monteiro ia na direção da absolvição das tantas mazelas a elas atribuídas.

Sogras e madrastras

Sogras e madrastras! Os demônios da sociedade, murmurarão talvez os leitores; não, as vítimas delas acrescentamos nós.

Não sabemos qual a razão porque estas duas posições a que todas as mulheres podem estar sujeitas, e que em verdade devem ser pesadíssimas, a mor parte das vezes só servem para acarretar antipatias.

Não existiram sogras e madrastras boas?

Por certo que existem.

E não haverá um genro mau, ou enteado?

Muitos e muitos, sem dúvida alguma.

Pois bem, que motivos temos nós então contra essas desventuradas criaturas para derramarmos sobre elas toda a nossa terrível bília?

França Júnior, o incansável folhetinista que tanto e tão vantajosamente estudou a nossa sociedade, em um de seu apreciadíssimos escritos falou-nos das sogras e das injustiças de que as míseras se têm tronado alvo.

No propecto literato encontraram elas, pois, um distinto defensor, dispensado por esse motivo, quanto em seu favor pudéssemos dizer.

A opinião do ilustre folhetinista é também a nossa.

O grande, o imenso crime das sogras, é o não poderem as mais das vezes assistir impassíveis aos martírios, aos sofrimentos, ou enfim ao abandono em que

veem as pobres e queridas filhas.

Se o amor de mãe é como geralmente se apregoa o mais puro e santo de todos os afetos, como esperar que, aquelas que o sentem em todas as suas sublimes manifestações, procedam de modo diverso do que o fazem em tão críticas circunstâncias?

Para um genro bom, não cremos que exista uma má sogra.

Conhecemos muitos exemplos.

Com as madrastas dá-se idêntico caso; dai-lhes bons enteados e vê-la-eis velando por eles como se fossem seus filhos.

Imaginal, porém, uma senhora distinta, de uma educação esmerada, que nasceu e viveu sempre cercada de todas as comodidades que a fortuna nos pode proporcionar, e que um dia por uma dessas fatalidades inexplicáveis cuja origem não nos propomos neste momento desvendar, une-se a um homem que lhe leva uma filha teimosa, malcriada, insolente mesmo, que lhe desobedece sempre para a ver incomodada, que lhe arranca do jardim as flores que ela mais presa, trepa nas cadeiras, pede tudo quanto vê, tem maus costumes, não deixa a infeliz madrastra ter um momento de seu, buscar um livro por exemplo, para entreter-se, vem logo para junto dela gritar, dizer tolices, aborrecê-la finalmente; e acrescentai a tudo isto a voz pública a lamentar a criança e a acusar a sua madrastra que não lhe faz mimos, que não a beija, que não acha graça em todas essas coisas, e tereis diante de vós o algoz tão falado. Tal qual ele é; uma vítima digna de toda a compaixão. Se a missão de mãe é grande e sublime, porém, também árdua, difícil; se os deveres de

professora encerram responsabilidade ilimitada; o papel de madrastra é por todos os respeitos muito mais pesado.

A mãe – a não ser por uma dessas raras exceções, não se vê censurada por castigar os filhos, por os admoestar muitas vezes, ser mesmo severa para com eles; diz-se geralmente: – tenho pena de F. porque se vê louca com os filhos, são endemoninhadas aquelas crianças; e ninguém ousa dizer: – deploro a sorte delas por causa dos castigos que lhes dá a mãe!

Sabe-se que ela se procede assim, é porque é necessário para a boa educação dos filhos; tudo quanto faz é justo e para o bem estar deles.

A professora tem também o seu quinhão de desculpa. Castiga porque é necessário, porque os pais dos alunos querem ver o lucro do seu dinheiro, e os pequenos por meio de palavras apenas, não se querem corrigir dos seus mil defeitos. Em uma palavra, fá-lo também porque é boa; a madrastra, porém, nunca tem razão. Com que direito castiga as crianças? Não são seus filhos! Se a mísera lhes dá excessiva liberdade, é má porque cria-os à lei da natureza – e pouco se importa com o mal que daí lhes pode provir; se os prende, se lhes proíbe o andarem com as outras crianças, temendo que eles tomem os maus costumes daquelas, é também má pois não deixa que os probrezinhos brinquem e aproveitem a sua infância. Que fazer então?

Sofrer no silêncio e deplorar consigo a sua sorte, é quanto lhe resta, e é o que muitas delas fazem.

Finalizando, diremos: educar os filhos alheios é de todas a mais cruel missão que pode ter a mulher.

Ser sogra deve ser triste; ser madrastra, simplesmente horrível!

Felizmente quem traça estas linhas, tem a felicidade de não ser madrastra, e a firme convicção de que também jamais será sogra.

Alma e coração: livro do passado. Rio Grande: Tipografia Trocadero, 1897. p. 147-152.

A temática da chegada de novidades era o tema de “Uma notícia”, outro texto incluso em *Alma e coração*, no qual a autora abordava um item com o qual convivia cotidianamente, ainda mais levando em conta o seu papel de jornalista. O enfoque feminino era o predominante na crônica, levando em conta que as receptoras das notícias em questão eram as mulheres. O texto trazia a tão ansiosa e esperada recepção de notícias da moça enamorada. Destacava também a mãe e sua dolorosa espera de informes acerca do teatro de guerra, para o qual seu filho se ausentara e cujas notícias normalmente não eram das mais auspiciosas. A fatalidade ainda aparecia na expectativa da esposa, cujo marido tivera de ausentar-se, acabando por receber a informação da sua morte. Ao final, a escritora ameniza o tom taciturno, lembrando a possibilidade das *boas notícias* que poderiam ser recebidas pelas mulheres, prodigalizando a continuidade da vida.

Uma notícia

Parece uma coisa tão simples *uma notícia*, não é verdade? E no entanto quantas vezes vem ela derramar a dor e o desespero, no seio daqueles que julgavam-se verdadeiramente felizes!

Quantas vezes uma notícia derruba todos os nossos castelos, todos os nossos sonhos e todas as nossas esperanças, lançando-nos num longo, profundíssimo desespero!

Um dia despertamos como de costume, não houve alteração alguma em nosso viver; na véspera deitamo-nos pensando, pensando em que? talvez em alguém que amamos e de quem vivemos ausente há já longo tempo; o vapor é esperado amanhã, dissemos conosco, devo invariavelmente ter uma carta; oh uma carta de quem se ama, que verdadeira felicidade!

Amanhece, as horas correm lentamente; espera-se, até que ao fim alguém vem tirar-nos da incerteza; mas oh infelicidade, a carta tão ansiosamente esperada é portadora de uma dolorosa nova: o ente querido está enfermo.

Eis um momento e nosso dia feliz, transformado completamente; e isto, *apenas por uma notícia!*

Uma pobre mãe separa-se do filho único, cuja vocação é a vida militar.

Vê-o partir para o campo do combate e debulhada em lágrimas, espera o momento de receber notícias suas.

Os dias correm, o desespero aumenta, e a almejada carta não vem.

Um tarde, quando já a resignação começara a apoderar-se dela; quando a esperança de que uma breve volta fosse a causa de tão prolongado silêncio, um desconhecido chega.

Traz, como o filho ausente, o uniforme militar, vem da guerra.

O coração materno alvoroça-se; treme, espera

sôfrego a palavra do mensageiro. Ao fim ele começa com aspecto melancólico: – Senhora, sinto profundamente ser portador de tão infausta notícia...

Ela empalidece e ele continua lugubrememente: – Fui amigo de seu filho, e... e dele recebi o último suspiro; morreu falando em vós.

A mísera solta um grito.

E eis *uma notícia* despedaçando para sempre o sonho auri-rosado de uma desventurada mãe.

Uma esposa extremosa a quem um negócio urgente rouba o esposo por alguns dias, porém que espera que essa ausência não se prolongue porque ele lhe escreveu, falando-lhe de sua breve volta, e que rodeada dos queridos filhinhos aguarda o feliz momento de abraçá-lo, é surpreendida uma noite tempestuosa, por um forte bater á porta.

Ergue-se apressada tendo o coração vacilante entre o temor e a esperança.

- Será ele?

Mas, horrível surpresa; é um enviado que vem preveni-la de que por um lamentável engano, aquele a quem ansiosa espera, acaba de cair vítima de um punhal assassino!

E é ainda *uma notícia* que traz o luto e o desespero àquele lar onde a felicidade sorria ainda há pouco.

Tornar-se-ia eterno se procurássemos descrever todas as cenas desoladoras que *uma notícia* pode causar.

Muitas vezes são centenas, milhares de criaturas a

sofre pela mesma nova, como acontece em tempos de guerra; a notícia de que um combate, um assalto, traz a dor e a amargura intraduzíveis.

Em compensação, porém, temos a *boa notícia*; a que derrama a alegria, faz nascer a esperança, enche o coração de júbilo, coroa a existência de flores.

A chegada de um telegrama que nos diz: *Está salvo, passou o perigo.*

Ou uma carta rósea e perfumada: *Finalmente tudo está vencido, parto e creio que jamais nos separaremos.*

E muitas, muitas outras.

O que é bem certo é que de *uma notícia* pode depender o nosso futuro.

Alma e coração: livro do passado. Rio Grande: Tipografia Trocadero, 1897. p. 161-164.

A melancolia, característica essencial da obra de Julieta Monteiro, também marcou as imagens femininas criadas nas páginas de *Alma e coração*. Bem de acordo com o conteúdo soturno e mórbido que marcava a última parte do livro, “Fragmento de um livro inédito – A confissão” trazia a narrativa acerca de uma mulher moribunda que trazia a sua última revelação sobre um amor idealizado, mas não realizado. No texto prevalecia assim uma marca essencial dos escritos de Julieta, com preferência por temáticas calcadas na tristeza, tendo muitas vezes a morte como um fator motor de seu trabalho. Ela conviveu com a finitude da vida bem próxima de si, fosse pelas tantas guerras contemporâneas à sua existência, fosse pelas constantes perdas familiares. Tais vivências somadas aos fatores de inspiração artística e estética, levaram a autora a ser denominada como uma queixosa flor da melancolia (ALVES, 2018a, p. 69).

Fragmento de um livro inédito – A confissão

A alcova era modesta, pequena, mas encantadora.

Por entre os rendados lençóis do perfumoso leito, surgia o busto marmóreo da enferma.

Tinha no olhar a expressão de um longo sofrimento; na fronte o cunho de uma nunca mentida altivez. Conservava-a erguida; era larga e cortada por expressivos sulcos.

A alcova estava silenciosa e ELA parecia esperar alguém.

Via-se que buscava aparentar tranquilidade, abafando de quando em quando algum indiscreto suspiro que mau grado seu desprendia-se-lhe do seio.

De repente soou no corredor um passo leve e apressado a uma mão de homem, porém de homem aristocrata, empurrou a porta de mansinho.

- Pode entrar; murmurou baixinho a doente.

Ele entrou, pálido, cauteloso, tendo a mágoa e a surpresa estampadas no semblante.

Era um vulto muito simpático, muito distinto, muito atraente.

Aproximou-se do leito e estendendo a mão à moça disse, procurando sorrir:

- Aqui me tem, não me fiz esperar; fale e queira o céu que, como diz, essa confissão lhe possa dar algum alívio.

Ela indicou-lhe com o olhar uma cadeira, que ele arrastou pra junto da cama, sentando-se.

Depois de uma pequena pausa a doente começou assim:

- Eu já fui feliz, amei e fui amada. Todos os meus sonhos, todos os meus anelos, todos os meus caprichos, eram satisfeitos pelo senhor do meu coração.

A ventura sorria-me. O céu tinha sempre para mim nuvens rosadas, a lua falava-me sempre de um amor retribuído.

Parece-me mesmo que não me sobrava tempo para pensar nas mágoas futuras, nos espinhos das rosas que então sôfrega colhia.

Despertava sorrindo e adormecia cantando; a minha existência era como a descreveu o poeta; um despenhar de pétalas perfumosas sobre uma alfombra virente.

Mas um dia! Um dia de eterna recordação, uma nuvem tenebrosa surgiu inesperadamente no límpido firmamento de minha vida; e crescendo, crescendo, em breve conseguira eclipsá-lo de todo! Como que uma avalanche enorme despenhara-se sobre esse longo estendal de rosas.

A destruição foi completa! Nada ficou; nada, nem mesmo a esperança!

Depois... depois, durante muito tempo nem sei se vivi. Quando se passou indiferente pelo mundo, se poderá acaso dizer que se viveu?

Pois eu fui assim.

Não via as belezas da terra nem sofria com os seus tormentos.

Tornara-me de gelo, continuou ela, e por certo perduraria nesse estado, se um dia não fosse despertada subitamente por uma voz doce, simpática, cheia de seduções e de atrativos.

Meu coração semimorto começou a pulsar; meus lábios de novo sorriram, meu olhar amortecido reviveu, minha lira enflorou-se, e... eu amei.

Encontrara o meu tão sonhado ideal; e esse ideal, e esse tipo romanesco, e esse elo que de novo me prendia à terra, sabes tu quem era, adivinhaste-lo? Eras tu.

Eu! Murmurou o rapaz pondo-se de pé como que assombrado.

- Eu!

- Sim, eras tu. Dei-te todos os meus sonhos, todas as minhas esperanças, todas as minhas aspirações! Mas, tu passaste frio, indiferente; dir-se-ia que eu sagrava os meus cultos a uma estátua de bronze.

Se soubesses quanto sofri!

Nas festas, nos teatros, nos passeios, por toda a parte enfim, o meu pensamento seguia-te. Sorria se eras feliz, chorava quando sofrias.

Que sombrias noites e que lutulentos dias me fizeste passar.

- Mas... será crível que eu nunca desconfiasse desses extremos, repetia o mancebo, tendo entre as suas as mãos trêmulas da moça.

- É certo sim. Eu mesma fiz-me essa interrogação infinitas vezes...

Uma flor, um livro, uma carta, uns versos, tudo, tudo enfim quanto me vinha de ti, tomava para mim as proporções de um talismã, de um objeto de valor inestimável.

O simples contato de tuas mãos fazia-me estremecer.

Oh! quanto te amei!

E agora, agora que pouco me resta de vida; agora que todos os meus sonhos de futuro estão findos, agora que nada mais aspiro, que nada espero, quis dizer-te um derradeiro adeus, porém um adeus terno, mais doce, mais afetuoso do que quantos temos até então trocado.

Calou-se por alguns momentos.

O mancebo ajoelhou. Seu corpo tremia nervosamente, nos seus olhos brilhavam lágrimas.

- Perdoa-me se te fiz sofrer.

- Oh! eu nunca te maldisse. Acaso somos nós senhores de nosso coração?

- Não o somos certo, porém, neste momento parece que o quer que seja de novo faz-me pensar em uma mulher.

A moça sorriu.

É a gratidão, a gratidão somente: podes crê-lo. Demais...

- Não, não sinto que te amo, sinto que te adoro. Oh! quanto fui cego meu Deus!

- É tarde, murmurou a doente deixando resvalar a cabeça no travesseiro e apertando ainda uma vez as mãos do mancebo. É tarde. Adeus!

Alma e coração: livro do passado. Rio Grande: Tipografia Trocadero, 1897. p. 191-196.

Outro livro publicado por Julieta de Melo Monteiro foi *Berilos*, editado em 1911, constituindo uma parceria com a irmã Revocata Heloísa de Melo. Cada uma delas escreveu uma das duas partes de que se compunha o livro, revelando um esforço de ambas para a divulgação de sua obra, uma vez que a falta de identificação de um editor indica que se tratava de uma edição custeada pelas próprias escritoras. Assim a publicação era composta de um “Primeiro livro”, redigido por Revocata e um “Segundo Livro”, escrito por Julieta. Nessas duas partes as autoras distribuíam textos diversificados, mormente contos, crônicas e pensamentos, dentre eles estão aqui destacados da autoria de Julieta: “Pepita”, “Alma de mulher” e “A suicida”.

Em “Pepita”, era apresentada a estória da espanhola do título que vivia feliz em meio a vários pretendentes, servindo inclusive de inspiração para um artista reconhecido apenas como “jovem pintor”, o qual se enamorara da moça, mormente por causa de seus olhos “negros e belos”. Ainda que a princípio a narrativa tivesse uma conotação, mais alegre, em seguida ocorreria a virada, com a morte da mãe de Pepita, a qual se entregaria a tristeza. O olhar faceiro da espanhola se perdeu e passou a expressar uma profunda amargura, e até mesmo o pintor, que se encantara com aqueles olhos negros, vendo-os tristes, deixou de amá-la e esqueceu-a. Ao final, o texto trazia uma moral, lembrando que os olhos “cismadores, tristes e pensativos” eram preferíveis ao alegres, uma vez que nunca mudavam. Tal conto já fora publicado no periódico *Corimbo*, na edição de 9 de maio de 1897, sob o título “Olhos belos”, constituindo praticamente uma transcrição, pois era mantida a narrativa na íntegra, apenas com algumas poucas revisões (ALVES & GEPIAK, 2018, p. 97).

Pepita

A amada do jovem pintor tinha os olhos negros.
Negros e belos como o artista jamais vira em parte alguma.

Vivos, alegres, buliçosos, não paravam um instante sequer.

Dir-se-ia que voavam, riam, cantavam os endemoninhados olhos de Pepita.

O pintor fizera deles o modelo para os seus anjos e para o Amor, formosa tela que concebera depois que vira e amara Pepita, a graciosa espanhola.

Grandes, brilhantes, feiticeiros, aqueles olhos já

havam sido a tentação de muitos corações!

Mas a espanhola não os volvia demoradamente para pessoa alguma.

Sempre travessos, irrequietos, eram dois colibris negros, voando de flor em flor.

Pepita era feliz.

O moço artista amava-a com entusiasmo e Pepita que também o amava tinha ainda outro amor que a preocupava mais, muito mais que o do seu amado; era o de sua velha mãe.

Viviam as duas, sós, porém, satisfeitas, ainda que um tanto saudosas da sua formosa Andaluzia. Dois corações que se compreendem e podem viver unidos, não necessitam de muito mais venturas.

Poucas lhes bastam...

Veio, porém, a fatalidade e uma noite, por sinal uma formosa noite de luar, branco, branco como os cabelos da terna companheira da moça dos olhos buliçosos, Pepita viu-se repentinamente órfã do santo amor de sua mãe!

Uma apoplexia fulminara a meiga criatura!

Impossível, impossível traduzir o desespero da mísera espanhola!

Fugiu a todas as consolações, esqueceu todos os prazeres do mundo e segregou-se da sociedade.

Meses depois, o pintor que não esquecera aqueles olhos sedutores, teve permissão para visitar algumas vezes a inditosa andaluza.

Voou a vê-la; mas, quanta mudança oh Deus!

Os olhos de Pepita, aqueles olhos negros como a noite, belos como o sol e traquinas como Cupido, para o qual haviam servido de modelo, estavam encovados, languídos, pensativos, profundamente pensativos!

O émulo de Miguel Ângelo fitou-os e empalideceu.

Não eram os mesmos olhos, não!
E o pintor não amava os olhos tristes...
Esqueceu Pepita!

É por isso que eu quero ardentemente os olhos cismadores, poeticamente tristes e romanescamente pensativos.

É porque eles não mudam nunca.
Os alegres podem entristecer; porém os tristes, os cismarentos, esses nunca mudam.

Berilos. Rio Grande: [s. n.], 1911. p. 241-244.

Também em *Berilos*, Julieta apresentava a imagem de uma figura feminina abnegada e devotada à família, a qual constituía a essência de “Alma de mulher”. O enredo trazia as dificuldades de ordem socioeconômica, que obrigavam um homem a deixar a esposa e os filhos para buscar melhores condições de vida. O afastamento, que deveria ser temporário, vai ficando cada vez duradouro, de modo que a mulher teve de enfrentar, além da dor da ausência do consorte, todos os obstáculos da sustentação da prole. Arrostando a saudade e encontrando forças para trabalhar cada vez mais, a esposa chegou a conseguir formar um pecúlio, mas ao alto custo da fragilização de sua saúde, ficando próxima da morte. Nesse momento da chegada ao fim da existência se dava o retorno do marido que, antes de entrar em contato com a família, preferiu pedir o apoio do clérigo que cuidava dos assuntos espirituais da comunidade. Ele se dizia arrependido, pois fora muito ingrato, temendo não contar com o perdão da esposa, já que recebera uma herança inesperada e

dilapidara o dinheiro com esbanjamentos. Acompanhado pelo padre, o marido retornou à sua casa a tempo de ver a esposa falecer, sendo consolado pelo religioso, afirmando que a “alma” dela permaneceria a velar por eles. A autora estabelecia um paralelo entre os dois elementos constitutivos do casal. Enaltecia a ação da mulher na defesa de seus filhos, na manutenção da esperança do retorno do consorte e na execução de um trabalho honrado que sustentara a família. Por outro lado, apresentava um olhar crítico para com o esposo, por abandonar esposa e filhos e, egoisticamente, perder a oportunidade de trazer recursos para a família, de modo que, em síntese, a escritora conceituava o homem como “marido infiel” (ALVES & GEPIAK, 2018, p. 101).

Alma de mulher

Depois de muitas noites passadas em vigília, numa luta cruel entre o coração e o dever, ficou assentado que ele partiria na próxima semana; ele o jovem e amante esposo, abandonando o querido casal de filhinhos e a estremecida consorte, para ir em busca de trabalho, porque o pão começava a faltar em casa, e na vila havia muita gente desocupada por não haver em que ganhar a vida.

De quanto tempo seria a ausência é que não era possível ter certeza.

Podia ser curta, podia ser de meses e de anos até; dependia da felicidade, coisa em que a pobre esposa pouco acreditava.

No último domingo que passaram juntos foram à igreja assistir à missa e pedir à Senhora do Amparo que os protegesse naquele transe tão amargo.

Segunda-feira ao romper do dia, um belíssimo dia

de primavera, ergueu-se a família e fizeram-se os preparativos para a jornada.

Cantavam os passarinhos, murmurava docemente o regato, o ar estava saturado do suave perfume das madressilvas e alegres bandos de borboletas multicores cortavam o espaço graciosamente.

A natureza sorria em contraste cruel à amargura daqueles corações despedaçados.

A esposa desolada e os adorados frutos do seu amor, acompanharam o viajante até ao fim da estrada, onde trocaram-se as mais ternas, as mais saudosas despedidas.

Depois... ele seguiu levando a alma lanceada pela saudade e pela dúvida sobre o futuro; e ela voltou chorosa e desanimada, procurando lobrigar ao longe a rosada flor da esperança, que seus olhos empanados pelas lágrimas não conseguiam avistar, apertava contra o peito os filhinhos que perguntavam sofregamente quando voltava papai.

Sobre o que partia e sobre os que ficavam, a dúvida abria as suas longas e tenebrosas asas!

Pelo correr do dia, o céu cobria-se de nuvens, o vento começou a soprar com veemência, as águas do regalo encrespavam-se e os passarinhos fugiram buscando os ninhos.

Então a saudade, a saudade a mais desesperadora coisa que se tem inventado no mundo, invadiu, tétrica, medonha, aquele lar até então povoado pela ventura!

Felizes os que não conhecem a saudade!

Felizes os que nunca viram o lutulento fantasma a persegui-los noite e dia!

Felizes os que passam pela existência sem sentirem os espinhos cruciantes da impiedosa saudade!

*

* *

Passaram-se meses.

Os pequenos, como geralmente acontece às crianças, consolaram-se depressa. O rapaz, principalmente, raras vezes falava no pai; acusava-o de ingrato, por não voltar.

A menina, mais amorosa, vinha para junto da mãe quando a via chorar e dizia-lhe que não chorasse que o papai viria em breve.

A pobre mulher trabalhava noite e dia para sustentar os filhos; e, coisa estranha, não se sentia cansada, ao contrário, parecia ganhar diariamente novas forças.

Economizava quanto lhe era possível, afagando o rosado sonho de juntar algum dinheiro para surpreender o marido quando este voltasse.

De tempos a tempos uma carta do querido ausente vinha servir de bálsamo à saudade sempre vicejante.

As notícias nem por isso eram muito animadoras; no entanto... ela esperava.

Ele dizia-lhe que os negócios estavam maus, que se gastava quanto se ganhava e que começava a desesperar do destino.

De repente um silêncio profundo.

Passaram-se meses depois anos; primeiro, segundo e terceiro!

Pobre mulher.

Pobre porque amava muito ao marido, e não porque a miséria tivesse ousado penetrar na sua modesta vivenda.

Tinha conseguido um peculiozinho que abrigava perfeitamente a pequena família, das vicissitudes da pobreza.

Se soubesse do paradeiro do marido, tê-lo-ia mandado chamar.

As coisas corriam melhores na vila; havia bastante trabalho, o que se precisava era de braços, e se ele viesse é possível que a felicidade voltasse a dispensar-lhe as suas carícias.

Infelizmente, porém, não havia quem soubesse notícias do ausente.

O desânimo começou a apoderar-se dela; em breve adoeceu.

Morta a esperança, a vida torna-se um pesado fardo.

Ah! se não fossem os filhos! Mas o que seria dos pobrezinhos sem amparo no mundo?!

Era preciso lutar com o desespero que lhe ia na alma.

Nas suas longas cismas, nunca uma ideia pouco lisonjeira ao eleito do seu coração passou-lhe pela mente.

Se não escrevia, se não voltava, é que a morte o roubara sem dúvida, ao seu extremoso seio.

Chorava muito então, pedindo a Deus que lhe poupasse a vida até que os filhos pudessem ter um destino certo.

Como, porém, nem sempre as nossas súplicas chegam até ao céu, a enfermidade progredia, e a mártir da saudade sentia a morte avizinhar-se.

*

* *

Por uma noite de outono, tão bela como melancólica, em que o luar estendia-se preguiçosamente pelo branco areal que cercava a pequena habitação do padre da vida, um pobre velho rico de virtudes e

bondades, ele que se preparava para sair, foi detido por um viajante que lhe veio bater à porta.

Vê-lo e abrir-lhe os braços foi obra de momento.

O sacerdote reconhecera imediatamente no recém-chegado o seu paroquiano há três anos ausente, o marido da pobre enferma que havia instantes o mandara chamar para ouvi-la em confissão.

O viajante estava pálido e abatido.

Procurara o padre para contar-lhe a sua história, pedir-lhe que o aconselhasse e que o acompanhasse até junto da esposa a quem não tinha coragem para confessar as suas culpas.

Fora ingrato, muito ingrato para com ela, e, embora arrependido, temia não conseguir o perdão almejado.

Seguindo a rota vulgar, ele desconhecia o coração das mulheres.

O padre ouviu-o pacientemente, e sabendo que ele em um ano dissipara uma pequena herança que inesperadamente recebera, e que só agora, vendo-se pobre, inteiramente sem recursos, mal visto pelos seus companheiros de trabalho e abandonado pelos que o haviam ajudado a esbanjar o que lhe legara seu pai, laborioso ancião, lembrara-se de vir ao encontro da esposa e filhos esquecidos há tanto, contou-lhe a tocante e honrada história da companheira de seus dias, velando dia e noite pela prole querida e trabalhando para surpreender um dia o marido idolatrado, com recursos imprevistos.

Ardentes lágrimas banharam o rosto do arrependido, que suplicou ao velho amigo da família para que o acompanhasse sem demora à sua antiga morada.

O padre disse-lhe então que a esposa agonizava, e esta desoladora nova arrancou fundos soluços ao marido infiel.

*
* *

Vai amanhecendo. Os primeiros albos da manhã entram de manso pelas frestas da janela. Os galos saúdam o dia batendo as asas e desprendendo o seu expressivo canto, saltam do poleiro.

A natureza está semiacordada.

Junto do leito de uma moribunda estão ajoelhadas duas crianças e um homem. As crianças pedem a Deus pela vida da mulher que é a sua mãe; o homem chora, tendo entre as suas a mão quase gelada da enferma.

Um padre reza aos pés da cama.

Pouco a pouco o véu da morte desce e se vai estendendo, até que afinal cobre aquele grande coração!

Um grito, um grito de dor, imenso e sincero, ecoa na modesta alcova.

Coragem murmura o sacerdote parando a oração.

Resigna-te! Ela perdoou-te!

Vela pelos teus filhos e com a importância que encontrarás naquele cofre, e que é fruto de um trabalho honrado, recomeça a tua vida que Deus se compadecerá de ti.

Tens no céu uma alma de mulher a guiar de ora a ora os teus passos.

Coragem!

Berilos. Rio Grande: [s. n.], 1911. p. 283-293.

O último conto da “Primeira Parte” do “Segundo Livro” de *Berilos* tinha por título “A suicida” e dava o sublime fechamento ao tema preferencial abordado pela

autora nos demais escritos, vinculado ao final da existência. No texto a morte perpassava desde o título e atravessava todo o seu conteúdo, descrevendo minuciosamente o ato em si. A morte autoinfligida tinha por razões o amor não correspondido, mantendo a imagem do “mal de amor” ou do “morrer de amor”, que tanto marcou a expressão escrita da autora. O texto começava com a personagem já no *post-mortem*, partindo daí para explicar sua chegada até aquela condição para, após, retornar à cena inicial. Próximo do esquife onde se encontrava o corpo havia uma imagem de Cristo que parecia perdoar aquele pecado, vindo, portanto, de encontro aos próprios princípios religiosos da escritora. “A suicida” foi outro conto originalmente publicado no *Corimbo*, a 2 de março de 1897 (ALVES & GEPIAK, 2018, p. 104).

A suicida

Branca, muito branca, dessa palidez diáfana difícil de explicar, ela ali estava agora no caixão mortuário, dormindo o derradeiro sono.

Com os olhos cerrados; as mãos cruzadas sobre o peito e o seu perene sorriso irônico pairando nos frios lábios, esperava a infeliz o momento da partida.

Suicidara-se por amor.

Inteiramente descrente, dum ceticismo que parecia inquebrantável, olhando sem interesse quanto a rodeava, passando pelo mundo como os cegos, sem ver coisa alguma, sentindo-se um dia inopinadamente presa ao amor.

Amara o talento; para ela esse facho rutilante que ilumina os cérebros privilegiados, ofuscava qualquer atrativo físico; por isso não fez parte do número dos que se

sentem presos apenas por um olhar.

Viu muitas vezes com indiferença o homem que mais tarde, se quisesse, se pudesse compreendê-la, poderia dar-lhe a almejada coroa da felicidade; e só amou-o quando descobriu em sua bela fronte a sacrossanta auréola que tanto a fascinava.

Mas então, amou-o louca e perdidamente!

Divisava-o em toda a parte embora a pesada mão da fatalidade o afastasse dela sem cessar.

Daria tudo pelo seu amor; tudo, até a própria vida.

Ele, porém, nada lhe pedia, nada parecia almejar daquele coração trucidado por um afeto único, sincero, imperecível.

E a vítima sucumbia aos poucos.

Que luta! Sufocar o coração que se debate ansioso parecendo-lhe em demasia pequeno o cárcere em que o prendem!

Dizer-lhe: cala-te, emudece, contém-te; e ele responder: impossível, amo, adoro, idolatro, quero repetir a todos os instantes o nome que me seduz, que me inebria!

Que luta, que luta insana!

Victor Hugo, disse: “Um pensamento fixo leva à loucura ou ao suicídio”. Ela não enlouquecera, tinha necessidade de suicidar-se.

Quando empalidece, desmaia, morre à míngua de seiva a última esperança, o que resta aos corações que transbordam desse sentimento sublime que se chama – Amor!? A morte, unicamente a morte, porque dizem que traz o descanso eterno!

Era mister pois buscá-la já que a impiedosa teimava em não aparecer a quem a chamava incessantemente.

Um dia, farta de sofrer em silêncio, onde o sofrimento é talvez mais do que duplicado, com uma

coragem que ela mesma estava bem longe de supor possuir, encostou o cano de um revólver ao coração e disparou a arma abençoada.

A morte foi instantânea.

E agora, com os olhos cerrados, as mãos cruzadas sobre o peito e o seu perene sorriso irônico pairando nos frios lábios, ela aguardava o momento da partida.

Perto, sobre um altar forrado de negro, alumiado pela baça luz dos círios, um Cristo crucificado olhava-a serenamente, como a dizer-lhe: – eu te perdoo, mártir. O amor redime todas as culpas.

A madrugada ainda não rompera, porém a noite estava prestes a despedir-se.

Longe gemia um violino.

Se ela pudesse ouvi-lo! Ela que amava tanto a música!...

Berilos. Rio Grande: [s. n.], 1911. p. 323-327.

As vivências femininas, assim como a igualdade, os direitos da mulher e a educação feminina foram temas recorrentes pelos quais a intelectual-jornalista intentou o convencimento público. Essas batalhas refletiam um dos cerne da escrita feminina e foram travadas por meio de contos, crônicas, dramas e poemas, mas também por uma atuação mais vibrante nas páginas dos jornais. Embora Julieta Monteiro não chegasse a promover um jornalismo panfletário, optando por um estilo normalmente mais moderado, ela não poupou esforços para promover a ideia de que, mesmo sem deixar de lado sua vida familiar, as mulheres poderiam conquistar uma nova função social, notadamente a partir de uma educação mais apurada (ALVES, 2018b, p. 186).

Sílvia da Vinha: o feminino e a emancipação

Isabel Maria da Cruz Lousada*

As inter-relações entre Literatura e imprensa ao longo dos Oitocentos foram significativamente íntimas, havendo normalmente algum espaço nas páginas dos jornais destinadas a algum tipo de matéria de natureza literária. Os grandes diários muitas vezes ostentavam em seus cabeçalhos inscrições que envolviam temas como noticioso, comercial, político e literário, revelando a intenção de demarcar essas interfaces. O literário era inserido em tais folhas com a presença de textos e prosa ou em verso, inclusos com periodicidade variável e dos folhetins, normalmente publicados de forma consecutiva ao pé da página, os quais viriam a cair no gosto dos leitores.

* Isabel Maria da Cruz Lousada (n. 1962 em Lisboa) é Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (1984), Mestre (1989) e Doutora (1999) em Estudos Comparados - Anglo Portugueses, pela Universidade Nova de Lisboa (UNL). É Investigadora Auxiliar de nomeação definitiva da FCSH, Investigadora Integrada no CICS.NOVA e Investigadora colaboradora no CLEPUL (UL). Tendo vindo a dedicar-se aos Estudos sobre as Mulheres, alguns dos seus textos encontram-se em livre acesso: <https://run.unl.pt/simple-search?query=Isabel+Lousada>.

Havia também as publicações destinadas especificamente à Literatura, deixando de lado o norte editorial informativo, para dedicar-se ao aprimoramento cultural e ao entretenimento. Mas outros gêneros jornalísticos também abriram seu veio editorial ao literário, como foi o caso da imprensa humorístico-ilustrada que, destinada essencialmente, à prática de um periodismo crítico-opinativo, calcado na ironia, na sátira e no humor, também reservavam suas colunas para a divulgação de temas literário-culturais.

Tal processo também ocorreria junto à imprensa portuguesa, que passava por uma fase de grande expansão, notadamente na segunda metade do século XIX, com jornais que cada vez mais se profissionalizavam, estruturando-se como empresas, aprimorando a qualidade gráfica, promovendo o incremento às tiragens e empreendendo constantes atualizações tecnológicas. Os periódicos diários consolidavam-se, garantindo uma perenidade considerável e a afirmação no papel de convencimento da opinião pública. Além disso, havia uma significativa especialização do jornalismo luso, com a edição de folhas voltadas a um gênero jornalístico específico ou a uma representação de natureza político-ideológica ou socioeconômica. Nesse contexto, a imprensa humorístico-ilustrada ganhou terreno e caiu no gosto do público, interessado nos textos cáusticos e nas gravuras cômico-satíricas que traziam uma versão caricatural da realidade retratada.

Um fenômeno que marcou o jornalismo português e se acentuou nas décadas finais do século XIX foi o de uma crescente especialização, com a circulação de jornais especializados em determinadas temáticas e com formas de abordagem e padrões editoriais particulares. Nessa linha, com uma abordagem crítica e humorada, acrescida de um

extraordinário atrativo – o uso da imagem – em Portugal circularam diversos representantes da imprensa ilustrada voltada à caricatura. Nesses periódicos “a caricatura, como meio de provocar o contraste desejado”, servia-se “do cômico para descobrir a possível ‘verdade’, ou seja, uma nova maneira de olhar o mundo” visando que o leitor despertasse e sentisse o que se passava em redor, uma vez que ela “não resignava, desafiava, provocava o riso, quase instantaneamente, e a reflexão”. Os semanários caricatos mantinham um constante trabalho de articulação discursiva entre o padrão escrito da imprensa que se somava à tradição oral do dia a dia das pessoas, resultando em uma ação cômica que multiplicava o poder de influência junto à opinião pública e, paralelamente, transmitiam uma perspectiva cotidiana, na qual “o espectador se sentia, invariavelmente, inserido”, ou até mesmo, eventualmente, um protagonista. Nesse sentido, “apesar dos limites que impunha a taxa de analfabetismo, a partir da sistemática ilustração em periódicos, sobretudo da caricatura”, criava-se “o impacto necessário” o qual conduzia “à atenção sobre o periódico, mesmo na condição de analfabeto”. Com imagem e texto incisivos, as folhas caricatas, como representantes da pequena imprensa traziam “a tradução da crítica a um sistema degradado, levado aos limites do absurdo, ou seja, a sua troça e sua negação” representavam a subversão “da própria ordem social” e de específicas visões de mundo (ALVES, 2005, p. 123 e-125 e 127-128).

A imagem expressa pela caricatura refletia sucessivamente a realidade exterior, a criação plástica e a realidade interior (HUYGHE, 1986, p. 33), de modo que nos hebdomadários caricatos eram reproduzidos hábitos do cotidiano e do popular, como uma “língua afiada, pronta a criticar, a cobiçar, a por ao ridículo todos aqueles que

fugiam à mediana, ou que punham em risco a passividade das suas vidas”. Tais jornais surgiam “às carradas”, mas eram, em geral “de curta duração” e os motivos econômicos constituíam “a base dessas falências, já que representavam aventuras dos próprios jornalistas e desenhadores gráficos, sem capitalistas por detrás”. Nesse quadro, “bastava uma reação lenta do público em aderir ao projeto, ou uma querela judicial, para destruir” a proposta e, “se a isso se juntava falta de qualidade gráfica e humorística, o público não comprava” e “mais depressa se extinguiu” (SOUZA, s/data, p. 14 e 202). Em alguns casos, entretanto, haveria maior êxito e tais folhas adquiririam sucesso entre os leitores, mantendo uma circulação regular por significativos períodos e garantindo uma excelente qualidade gráfica.

A imprensa portuguesa teve na capital Lisboa o seu grande centro irradiador. Tal preeminência foi secundada pela cidade do Porto, na qual os avanços quantitativos/qualitativos do periodismo também foram significativos. Um dos setores do jornalismo que apresentou ampla repercussão e atingiu considerável popularidade foi aquele ligado à imprensa caricata, de modo que a comunidade portuense foi bastante receptiva a uma série de folhas satírico-humorísticas de natureza ilustrada que circularam com evidência nas últimas décadas do século XIX. Dentre os vários títulos que se destacaram no contexto do periodismo portuense um deles foi o *Pontos e Vírgulas*, o qual circulou entre 1893 e 1895, sob a redação de Augusto Pinto e Teotônio Gonçalves. A mais provável inspiração para o título deve ter sido o *Pontos nos ii*, denominação que, entre 1885 e 1891 substituiu *O Antônio Maria*, um dos mais importantes periódicos caricatos portugueses, editado por Rafael Bordalo Pinheiro. Mesmo no âmbito do Porto houve uma outra folha caricata

também inspirada naquele, apresentando *Os Pontos* em seu cabeçalho, sendo publicada na virada do século, entre 1896 e 1905 (RAFAEL & SANTOS, 2002, p. 179).

Na maior parte dos gêneros jornalísticos que circularam em Portugal, inclusive os ilustrados, a Literatura encontrou guarida e, muitas vezes, campo fértil para desenvolver-se. Dava-se então um caminho de mão dupla. Por um lado, os escritores encontravam nos periódicos um veículo fundamental para a difusão de seus trabalhos, ainda mais em uma época na qual a edição de livros era acessível para poucos. Por outro, a inserção de textos de intelectuais trazia aos jornais uma nova modalidade de valorização de seu corpo editorial e de busca de ampliação dos quadros de leitores e assinantes. Assim, os avanços do periodismo português no século XIX davam-se também no campo editorial e redacional, ainda mais a partir do refinamento cultural dos escritores públicos, com a constante participação de representantes da intelectualidade em meio às lides jornalísticas. Nesse contexto, muitos dos “grandes nomes” das letras e do pensamento lusitano colaboraram “assiduamente na imprensa periódica”, fazendo com “que o nível geral do jornalismo” subisse “consideravelmente e os periódicos, além de melhor apresentação gráfica”, fossem “redigidos corretamente e num estilo cada vez mais individualizado” (TENGARRINHA, 1989, p. 160).

O incremento entre o literário e o jornalístico viria a ser um dos elementos constitutivos que contribuiria significativamente para uma “nova fase da imprensa” a qual passou a contar “com a participação nos jornais dos mais prestigiados intelectuais portugueses”, ao contrário do que acontecera nas etapas iniciais de tal periodismo (RODRÍGUEZ, 1996, p. 360). Era uma época em que ter seus trabalhos publicados em periódicos constituía “uma

ocupação reservada quer a literatos, quer a políticos, que entendiam os jornais e as revistas como espaços públicos de opinião”, de maneira que, “escrever nos jornais era uma forma de afirmação de uma autoridade, um modo de publicar ideias, de divulgar obras”, ou ainda, “de defender ideologias, de travar polêmicas diversas, enfim, de participar ativamente na construção da esfera pública” (PEIXINHO, 2010, p. 427).

Na imprensa humorístico-ilustrada portuguesa tal prática também ocorreria, apesar do seu veio editorial mais crítico, incisivo e corrosivo que, muitas vezes, servia para afastar escritores que preferiam não ver seus nomes associados a esse gênero jornalístico. Entretanto, as poucas oportunidades editoriais e a consolidação de algumas dessas folhas fizeram com que elas também acabassem por despertar o interesse dos intelectuais na divulgação de seus escritos. Além disso, os editores desses periódicos se aperceberam que ao lado ou em associação com o estilo jocoso e cáustico, os motes literários também serviriam como um atrativo para o público leitor. Nesse sentido, os semanários ilustrados lusos que circularam principalmente em Lisboa e no Porto não deixaram de também estar associados à produção literária nacional e internacional.

Em meio a tal conjuntura, o semanário caricato portuense *Pontos e Vírgulas* tinha redatores específicos para a elaboração de crônicas e contos. Nessa linha, uma particularidade no quadro redatorial dessa folha foi a presença de um nome feminino que respondia pela seção voltada aos contos. Era Sílvia da Vinha, escritora sobre a qual não há qualquer informação em obras de cunho biobibliográfico no contexto lusitano e no seu âmbito

jornalístico¹. Sílvia da Vinha aparecia como um nome que atuou em um espaço/tempo bastante restrito, publicando em um meio não tão conceituado para a época como eram os jornais caricatos e que, portanto, não foi incorporada ao cânone literário português, como aconteceu com várias outras escritoras que não aparecem nos “manuais” de uma história literária lusa.

Em outro sentido, poderia ser também um pseudônimo utilizado por uma senhora que procurava não ser associada aos textos publicados no *Pontos e Vírgulas*, pois, por mais que este periódico buscasse mostrar-se como uma folha destinada a um público mais amplo, inclusive o feminino, sobre suas matérias e desenhos recaía um significativo preconceito. Como a maior parte da imprensa humorístico-ilustrada de então, tal visão preconceituosa advinha dela não se tratar daquilo que se convencionava denominar de imprensa séria, por seu caráter essencialmente crítico-opinativo, ou ainda por algumas vezes chegar a ter seu conteúdo categorizado como pornográfico. Tais fatores criariam a tendência de uma senhora talvez não desejar associar o seu nome a essa modalidade editorial, recorrendo então à pseudonímia. Finalmente, Sílvia da Vinha poderia ser ainda o pseudônimo de um homem que visava a chamar atenção dos leitores pelo inusitado de uma mulher estar colaborando com o periodismo ilustrado e satírico-humorístico, algo nada comum no horizonte das folhas caricaturais de então. Nesse sentido, a presença de tal escrito feminino serviria como um atrativo e um diferencial para o jornal, tão carente de assinantes ou compradores de

¹ Foram consultados: ANDRADE, 1985; ANDRADE, 1989; ARANHA, 1907-1908; CHAGAS, 1876-1886; CUNHA, 1941; MARTINS, 1941; PEREIRA & RODRIGUES, 1904; e SILVA & ARANHA, 1858-1923.

números avulsos, como era típico entre os representantes da pequena imprensa de então.

Pontos e vírgulas foi um semanário que manteve o formato tradicional das publicações de natureza caricata de então, contando com oito páginas, quatro delas com desenhos, a primeira, a quarta, a quinta e a oitava e as demais com textos. No que tange às matérias de cunho textual, o periódico mantinha a linha caricatural, dando preferência ao enfoque crítico, satírico e humorístico. Mas também apareciam colaborações de ordem variada, como contribuições literárias em prosa e verso e segmentos voltados ao entretenimento, com jogos de palavras e adivinhações. Como a maioria dos caricatos de então, os textos eram em geral mais leves e, muitas vezes, buscava-se uma proximidade maior com o leitor, fugindo-se das práticas mais sisudas e das redações mais extensas e complexas típicas da imprensa dita séria, ou seja, dos grandes jornais diários.

Ao surgir o *Pontos e Vírgulas* apresentava-se ao público com o editorial “A que vimos” (PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 1, 1º out. 1893, p. 2). Na ocasião, a redação afirmava que encetava a partir de então a sua “carreira através dos escarcéus da imprensa”, julgando que iria “prossegui-la ainda que mil e uma contrariedades” viessem a ombrear com os seus desejos mais preocupantes. Dizia a folha que pretendia avançar “sempre, pulverizando obstáculos, esmagando com valentia as estultas acusações” daqueles que quisessem “sair de frente”. Referindo-se à competitividade em meio à imprensa lusa, afirmava que a “aparição de um novo jornal se por um lado” enfraquecia “os gordos proventos dos colegas”, por outro dava “a perceber ao público ilustrado que a época” atravessada, “o século XIX”, constituía a “época de letras”.

O editorial declarava ainda que a empresa jornalística era “crispada de dificuldades”, representando “um trabalho insano”. Apesar de tais obstáculos, buscava garantir que o gosto com que foram colocadas “mãos à obra e o auxílio de alguns colaboradores amigos” viriam a substituir, “de algum modo, as primeiras necessidades” que viessem a surgir. Em linguagem mais incisiva como era comum às folhas de seu gênero, o periódico afirmava que se alguém não viesse a “concordar com os motivos expendidos e agoirar mal antecipadamente” da publicação, respondia dizendo que lembrava “perfeitamente de casos em que as mediocridades triunfam”. Revelando as dificuldades na manutenção naquele tipo de folha, os redatores enfatizavam que nem tudo seriam rosas e, do contrário, a eles se iriam antepor “unicamente espinhos”, de modo que deveriam ter “o bom senso e a prudência necessária” de não laborar “por muito tempo” em “concepções fantásticas, sem objetiva nem subjetiva razão de ser”.

Como era muito comum a vários dos jornais de então que diziam ser apolíticos, sem maior sucesso em se tratando dos caricatos, a redação do *Pontos e Vírgulas* visava a garantir que o periódico seria “sem sabor de política esturrada” e “sem cheiro de ferir parcialmente influências partidárias. Com humor ácido e crítico, a folha afirmava que iria desferir seu voo, esperando não ter “um sucesso igual ao Ícaro da fábula”, manifestando a convicção de que “o estado atual das coisas é péssimo”, bem como estando certa de que a sua “ideia não era desaproveitável de todo”. No intento de não serem confundidos com a prática da pasquinagem, os redatores explicavam ainda que, mesmo que lhes faltasse uma “rijeza de pulso” e “uma linguagem persuasiva”, confiavam “ao menos na boa vontade” com a qual pretendiam “satisfazer plenamente os leitores,

apresentando-lhe um jornal expurgado de impropérios e de perjúrios, de recriminações falsas e de excrecências intolerantes”.

Na mesma linha, o editorial buscava garantir que a “diretriz fixa” da publicação era “o decoro”, de modo que não pretenderia “vascolear reputações ilibadas nem alardear programas hiperbólicos”, para não ser classificada como mentirosa. O periódico afirmava ainda estar firme “neste propósito”, tendo “a circunspeção prudente” de não espalhar aquilo que lhe seria “impossível fazer”. Pretendia também vincar “na frase despreziosa e chã as personalidades numa cintilação de verve finíssima”. Declarava ainda que sua meta era o riso, “com um rir tão fraco e tão vibrante que nem uma entorse nem um propósito mal sucedido” poderiam apoucar. Revelando sua intenção humorística, a folha garantia que faria “entreabrir aos nossos leitores os lábios em sorrisos não forçados”. Finalmente os redatores do hebdomadário afiançavam que naquela proposta editorial havia um “pensamento grande” e um “fim justo”, de modo que haveria todo o empenho para que o periódico fosse “perfeito o mais possível” e, no caso de “alguém por uma ou outra imperfeição o taxar de utopia de espíritos superficiais e insensatos”, a eles era pedido que não apunhalassem “o novel Lázaro ao se erguer do sepulcro da possibilidade à existência”.

As publicações caricatas portuguesas daquele final de século XIX, com inexorável inclusão das portuenses, refletiram a conjuntura histórica vivenciada por Portugal. As diversas manifestações da crise apareciam em toda a sua crueza nas páginas desses hebdomadários que, por meio de uma prática crítico-opinativa iconográfica e/ou textual bastante incisiva, expunham os males que afligiam a sociedade lusa. Nessa linha, tais semanários ilustrados, figurativamente, davam cores à realidade portuguesa,

traduzindo caricaturalmente as mazelas políticas, sociais e econômicas que afligiam os lusitanos. O *Pontos nos ii* não foi diferente e suas várias seções traziam reflexos diretos/indiretos sobre a situação vigente da nação. Nas páginas do *Pontos e Vírgulas*, ao longo de aproximadamente um ano, ou seja, praticamente a metade da existência do periódico, foram publicados os textos assinados por Sílvia da Vinha.

Os escritos de Sílvia da Vinha, de maneira mais velada ou aberta, também apresentavam indícios desse olhar crítico. Categorizados como contos pela própria redação do jornal, tal produção textual mantinha certas características que corroboravam com a classificação, mormente no que tange à construção de personagens e ao desenvolvimento de um enredo. Uma das especialidades de Sílvia foram as viradas drásticas, buscando trazer certa surpresa, ao final de cada estória. Mas, além de breves contos, a autora também redigiu crônicas, reproduzindo algum tema mais corriqueiro e/ou momentoso. Como era comum aos jornais caricatos, os textos da lavra de Sílvia da Vinha não eram longos, ocupando graficamente, com algumas variáveis, algo em torno de uma coluna e meia. Outro hábito dos autores de então também se manifestava em tais escritos, com a presença de dedicatórias, normalmente destinadas a integrantes da redação da folha caricata portuense e mesmo a uma amiga.

Ao longo de sua atuação no *Pontos e Vírgulas*, Sílvia da Vinha apresentou uma produção textual variada quanto à temática. Nessa linha, os contos e crônicas abordavam: assuntos sentimentais, como paixões ou incursões amorosas bem ou mal sucedidas, a ação das moças cocotes e dos rapazes conquistadores e as dores e decepções causadas pelo amor; a dicotomia entre o casamento embasado no amor romântico e o matrimônio arranjado

por interesse financeiro; as desigualdades entre as comunidades interioranas e rurais em relação à vida nas grandes cidades; o êxodo rural e a busca por sobrevivência e até de ascensão social do homem no campo no meio urbano. Ainda aparecia uma visão aguçada acerca das mazelas sociais, com ênfase ao sofrimento em torno da pobreza e das condições de vidas dos pobres e trabalhadores; e um enfoque crítico quanto à aristocracia, ao clero e até mesmo à monarquia. Houve também incursões ao feminino, com comentários que iam desde aspectos estéticos em torno da beleza e da feiura, da moda e da aparência; passando por questões morais como as virtudes feminis, caso da manutenção da virgindade e a busca pelo casamento; até o debate acerca da emancipação da mulher. Em meio a esse conjunto de textos houve então uma preocupação mais específica com o feminino, mormente no que tange aqueles que tiveram em suas tramas algum tipo de protagonismo feminil, ou em um que, especificamente, abordou o papel social e a perspectiva emancipacionista em relação à mulher.

A estória “Uma tragédia” era apresentada como uma espécie de tragicomédia. Toda a introdução e o desenvolvimento da estória levavam a entender que a protagonista fora difamada quanto às suas virtudes, movendo um ódio violento para com aquele que provocara tal situação. Ficava implícito que se tratava de uma moça que perdera a virgindade e, após luta com o rapaz que lhe causara tal mal, acabara por temer tê-lo matado. A narrativa chegava a trazer algum suspense, mas a rápida reviravolta do desfecho mostrava que se tratava em verdade de uma criada que fora acusada de ter roubado comida na casa dos patrões, quando, na verdade, o malfeitor em questão, com o qual ela se engalfinhara, era o gato da família, desencadeando-se uma espécie de final

feliz, com o perdão da “pobre rapariga” para com o bichano (PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 42, 28 jul. 1894, p. 3).

A breve historieta intitulada “A inglesa” trazia em seu fundo uma espécie de inversão do contexto internacional em relação a um âmbito doméstico, pois, ao contrário da tradicional preeminência britânica sobre os negócios portugueses, desta vez era uma cidadã inglesa que trabalhava em um lar luso. O uso de tais profissionais revelava também a intenção das famílias mais abastadas de instruir seus filhos a partir dos ensinamentos de preceptoras oriundas dos centros “político-civilizatórios” de então. A narrativa apresentava também uma descrição modelar dos padrões de beleza feminina da época, também atrelados aos arquétipos da mulher normalmente originária da Europa centro-ocidental. O fulcro da estória estava vinculado a uma certa ruptura para com a fleuma britânica, tendo em vista que a sisuda preceptora britânica acabaria por ser surpreendida tendo um caso com um outro funcionário da família (PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 43, 4 ago. 1894, p. 3).

O texto denominado “O vestido de baile” refletia acerca de um condicionante social então vigente, no sentido da mulher buscar aformosear-se ao extremo, visando a agradar um marido em potencial. O mote era a preparação de Regina para o baile, com todos os cuidados quanto à aparência e à indumentária, buscando essencialmente o encontro com o amado Carlos. A estória acabava por assumir um tom de certo modo fantástico, com o vestido da moça ganhando vida e assombrando-a, mormente quanto à possibilidade da perda de seu alvo conjugal. Tudo acabaria por se revelar um sonho para a assustada e enciumada Regina, com a retomada do olhar reflexivo sobre a inexorável missão feminina de arranjar casamento

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 48, 8 set. 1894, p. 2-3).

Outra estória calcada no humor foi “A corça”, a qual transformava as dúvidas de uma criada quanto à forma de cocção de uma caça em um pequeno drama. O texto trazia em si os esforços da empregada para agradar a um representante do corpo clerical, reproduzindo a preeminência da religião em meio à sociedade lusa. A transformação de algo comezinho em acontecimento relevante a ponto de influir na execução do ato litúrgico, revelava o espaço da jocosidade até mesmo para com pressupostos religiosos, apresentando consigo, ainda que de modo tênue, a manifestação de um pensamento anticlerical, tão comum em grande parte da imprensa caricata de então (PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 50, 22 set. 1894, p. 3 e 6).

“Um cataclismo” constituía um texto amplamente jocoso, carregando nas tintas caricaturais ao descrever uma representante da colônia brasileira residente em terras lusitanas. Como era então recorrente, havia um quê de exótico na construção da imagem da “brasileira”, associado a uma visão anedótica quanto aos pendores da mesma no que tange à música. O humor se desenvolvia desde o início até o desfecho da estória, encerrada com uma inspiração algo tragicômica, misturando um acontecimento trivial com o desencadear de um desastre natural (PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 51, 29 set. 1894, p. 3).

Em “Um susto” o tema era mais uma vez a desilusão amorosa. Sem especificar os motivos, o texto trazia uma Luiza medita-bunda, sofrendo por uma decepção recente e quase que alimentando a esperança na volta de alguém para si. A narrativa em torno dos sentimentos mudava bruscamente para um enfoque que envolvia o medo, em meio a uma atmosfera aterrorizante.

Passado o susto, vinha o desfecho, calcado em uma circunstância inusitada, mas nem um pouco apavorante, pois, como indicava o título, não passara de um susto (PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 2, 13 out. 1894, p. 6).

O texto “Debaixo da cama” trazia mais uma vez a descrição da beleza feminina. Nesse caso, o belo estava articulado à representante de um segmento social mais humilde, demonstrando que a formosura não tinha necessariamente de estar articulada à riqueza. O conto tinha Joana como protagonista, a qual namorava um primo que compunha a guarda. Este romance era um estereótipo, abordado à extenuação pela imprensa, notadamente a caricata, que recorrentemente mostrava empregadas namorando ou tendo casos com policiais ou membros da “municipal”. Nesse quadro, a narrativa normalmente se centrava nos flagrantes impostos pelos patrões às criadas, surpreendendo-as com seus amantes/namorados. Tal circunstância era mais uma vez representada, havendo a opção pela jocosidade na abordagem (PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 3, 20 out. 1894, p. 2-3).

O conto intitulado “De um argueiro...” construía a imagem de Helena como a personificação da perfeição física, mental, moral e comportamental, de acordo com os padrões esperados para a moça casadoira de então. A historieta se referia exatamente aos preparativos para o casamento, quando as ditas qualidades de Helena pareciam se potencializar ainda mais. O fulcro do enredo se dava no diálogo entre ela e o noivo, surgindo algum suspense quanto a algo que ela precisava dizer-lhe. As aparências indicavam que o segredo poderia estar relacionado a algo considerado negativo, levando ao pânico do noivo, permanecendo implícito algum possível prejuízo em relação às virtudes da moça. O final, entretanto, revelava que Helena mantinha sua pureza de acordo com os padrões

de então, pois o segredo não passava de um desejo que demonstrava as reminiscências da infância da menina que se preparava para transformar-se em mulher (ou, ao menos, esposa) (PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 8, 24 nov. 1894, p. 6).

Em “Adúltera?” havia muitas reminiscências do conto infantil “A gata borralheira”, pois apresentava a vida de uma bela jovem órfã, criada por uma tia, a qual faz o papel da “madrasta má”, trazendo a vida da moça em penúria e tratando-a como uma criada. A alternativa ao sofrimento, sempre passado com abnegação foi o casamento, só que, ao invés de um “príncipe encantando”, surgira um “velho brasileiro”, trazendo à tona um tema recorrente no jornalismo de então, com ênfase ao caricato, envolvendo as diferenças de idade no matrimônio. Além disso, ficava evidenciado que o enlace só servira como uma alternativa às misérias por ela vivenciadas. Tratava-se de um “decrépito celibatário”, cheio de manias comportamentais, como a da eterna vigilância. Em uma dessas vigílias, buscou surpreender a jovem esposa em ato de suposto adultério, culminando a narrativa com a indicação de que se tratara de um simples engano, ficando garantida a fidelidade conjugal (PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 9, 1º dez. 1894, p. 3-4).

Já no escrito denominado “Metempsicose”, toda a narrativa se encaminhava para a abordagem de uma temática profunda e transcendental no que tange ao espírito humano. A personagem central era Sarah, que buscava no campo espiritual a superação de seus problemas matrimoniais. Ficava implícita uma aproximação da mulher com o seu guru, beirando a possibilidade da traição aos votos conjugais. Mas tal infidelidade não se confirmava, havendo a reconciliação com o esposo e, com bom humor, ficava revelado que a

transcendência da alma atingida não se devera a questões espirituais e sim à leitura de um livro de poesias da autoria de um dos próprios colaboradores dos *Pontos e Vírgulas* (PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 12, 22 dez. 1894, p. 2-3).

O conto “Uma tentação” era carregado nas tintas da crítica social, apresentando as incongruências da sociedade, personificadas em Rosita, uma menina órfã que trouxera para si a responsabilidade de trabalhar para ajudar no sustento da mãe viúva e dos irmãos. As precárias condições de vida dos trabalhadores também eram denunciadas na descrição da figura paterna, cuja morte adveio do excesso de trabalho. Rosita se mostrava abnegada, resignada e até certo modo feliz, dentro das possibilidades, por constituir uma espécie de arrimo de família. A censura às condições vigentes aparecia também na comparação do valor daquela praticante do trabalho infantil e da futilidade das meninas ricas. A “tentação” explícita no título, na abertura e no fechamento do texto, se referia a um lenço, uma vez que a menina, que se transformara em adulta pela força do destino, já estava se tornando uma jovem, entretanto, não sucumbia ao desejo da bela peça da indumentária feminina, preferindo garantir os compromissos familiares (PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 14, 5 jan. 1895, p. 3).

A crítica às mazelas sociais era o tema predominante em “A mendiga”, havendo um questionamento pleno quanto às razões que levavam uma pessoa à condição de precariedade social. A narrativa também optava por manter um fio condutor constantemente prenhe em mistério, notadamente no que tange às razões que levaram aquela mulher à mendicância. A denúncia dos horrores que cercavam a pobreza também constituía um tom marcante. As dúvidas quanto à personagem, entretanto, ficavam em aberto para a

interpretação do público leitor (PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 16, 19 jan. 1895, p. 2-3).

A estória “Dupla decepção” trazia um verdadeiro conflito de gerações entre uma tia e uma sobrinha que, à janela pretendiam contar com a atenção de um militar que passava à rua. Ficava implícita a discussão da idade da mulher perante o casamento, em uma época na qual a juventude era a chave para a aquisição de um parceiro. Não deixava de ser sintomático que a conversa fosse travada entre tia e sobrinha, para enfatizar a perspectiva da expressão “ficar para titia”, tão comum na designação das mulheres que não conseguiam envolver-se nos laços do himeneu. Como sempre, o fecho da estória buscava surpreender, uma vez que o interesse do cobiçado militar não se direcionava para nenhuma das duas e sim para uma empregada, incorrendo em outro dos estereótipos de então, vinculado a romances entre empregadas e policiais. Atônitas, para as duas parentes só restara a “dupla decepção” do título (PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 24, 16 mar. 1895, p. 2-3).

A narrativa “Mamã! Papá!” trazia vários elementos constitutivos da sociedade de então, notadamente no que tange ao papel da mulher. O casamento arranjado para uma jovem mulher fora um desastre, sofrendo as piores barbaridades nas mãos do marido. O matrimônio terminava de forma ainda mais trágica, com a morte do esposo, logo após o nascimento do primeiro filho. Ela, viúva, volta à terra natal e encontrava os pais empobrecidos, tendo de trabalhar arduamente para garantir o sustento familiar. A situação só seria contornada a partir um novo casamento, com um mancebo que se dispusera a reconstituir aquela família. Aparecia assim a referência à dicotomia entre o casamento por interesse e aquele motivado por razões sentimentais, mas também

ficava demarcada uma inspiração religiosa, pois a mulher, trabalhadora, resignada e virtuosa, teria sido recompensada a partir da providência divina (PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 26, 30 mar. 1895, p. 3).

“O eterno poema” criava certa discrepância quanto à maioria dos textos, pois não passava de uma puramente adocicada historieta romântica. A protagonista Judith era apresentada como a síntese da perfeição em forma de mulher, à qual eram atribuídos vários qualificativos positivos, com destaque para a “graça natural”, a marcante beleza, descrita em minúcias, a “superior candidez”, o domínio da música e a “ternura de uma alma fadada para amar”. Apesar de todos esses predicados, Judith era pobre, como um revés em relação à sua opulência de “perfeições e virtudes”. Além disso, ela tinha de enfrentar a inveja e a intriga de parte de suas rivais do sexo feminino que não aceitavam suas qualidades. Através da música, ela conquistava admiradores e o maior deles foi um alemão que acabava por declarar-se a ela, culminando com o desfecho romântico e as juras de amor diante daquele “eterno poema” (PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 28, 13 abr. 1895, p. 2-3).

A crítica social e de costumes inspirada na censura ao casamento motivado por interesse era o cerne de “A punição”. A estória contava a vida de uma moça que até tentara lutar contra a arbitrariedade paterna para impor-lhe um casamento arranjado. Sem condições de resistir aos costumes vigentes, ela acabaria por sucumbir diante da vontade do pai que lhe casaria com um homem rico e, mais uma vez, a personificação do mal. No casamento infeliz, a mulher só encontraria alguma consolação na prática da caridade, ainda assim completamente restringida pelo marido. A narrativa tomava ares trágicos, uma vez que aquela que fora forçada ao casamento só vai encontrar a

redenção na morte, mas, em contrapartida, seus algozes também teriam um triste fim, com o pai igualmente perecendo e o marido, que tanta ojeriza tinha aos pobres, entregue à miséria e pedindo esmolas (PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 34, 25 maio 1895, p. 2-3).

A historieta “Ambiciosa” versava acerca do amadurecer de uma menina, ressaltando a entrada no colégio como um momento de inflexão de sua vida. Após dois anos na instituição escolar, fora de sua localidade de nascimento, Júlia retornara para casa e passara por uma série de empecilhos em sua readaptação ao lar. O texto dava a entender que a pessoa que voltara era bastante díspar daquela que fora, deixando-se dominar por ostentação, vaidade e coquetismo. Nesse sentido, a menina de “bom caráter” que viajara, fora substituída por uma de outra índole, subordinada por “torpe egoísmo” e “desmedida ambição”. Em síntese, o texto apresentava a transição de uma menina à adolescência, em um quadro pelo qual já havia drásticas mudanças e, naquele caso específico, o processo fora mais marcante, com a passagem do predomínio da humildade ao comando da ambição (PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 36, 8 jun. 1895, p. 3).

Carregado em cores dramáticas e embasado em profunda tristeza, “A irmã de caridade” trazia a estória de Tereza, que se tornara freira, ainda que a opção destoasse do estereótipo que se poderia imaginar para tal figura, uma vez que mantinha uma beleza ímpar. A soror, “perfeita de corpo e alma”, seguia com devoção a sua obra, dedicando seu amor às “almas puras e sinceras”. Na continuidade, aparecia o motivo que levava Tereza ao convento e, como parecia não poder ser diferente, as causas eram vinculadas a um coração partido. Seu amado, após roubar suas virtudes, como se convinha denominar a época, trocara-a por outra moça mais rica, ficando explícita mais uma vez a

recorrente crítica ao casamento por interesse. Restara à Tereza o caminho da religião, embora suas mágoas não estivessem apagadas, chegando a pensar no suicídio. Por uma coincidência do destino – como comumente acontecia em tal tipo de drama – ela teve por missão velar por um moribundo, o qual não era mais ninguém do que o homem por quem ela fora apaixonada, ao qual ela assistia ao seu falecimento. A culminância dramática se dava quando, no dia seguinte, também a irmã de caridade aparecia morta (PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 38, 22 jun. 1895, p. 3 e 6).

O tema recorrente à época, pelo qual os amantes utilizavam-se do rapto como estratégia para permanecer juntos era abordado em “A raptada”. Em geral, quando não havia a concordância dos pais em relação à proximidade dos dois, os enamorados combinavam que a donzela seria raptada e eles fugiriam para viver sua vida de amores. No caso deste texto, havia toda uma preocupação em apresentar a versão da moça que seria arrebatada. Além de ser ela mesma a autora do plano de fuga, aparecia uma descrição detalhada dos pensamentos e sensações que a moça teria na expectativa do ato. O projeto parecia ser coroado de êxito, mas como foi comum à maioria daquelas narrativas, havia a virada na estória, com a surpresa, no caso, desagradável para os amantes, pois a raptada permaneceu em casa e o namorado acabou por levar a criada. Era uma conclusão carregada de um sutil bom humor (PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 40, 6 jul. 1895, p. 2-3).

Entre contos: a emancipação das mulheres

No escrito voltado a abordar a libertação feminina, foi elaborado a partir de um caráter panfletário e combativo

em nome dos interesses em torno da liberdade feminina, os quais se tornavam a tônica de “A emancipação das mulheres”, uma manifestação de ampla oposição a um artigo publicado em periódico editado no âmbito bracarense, ao qual eram imputados vários erros e inverdades ao tratar do feminino. O texto reconhecia na mulher apenas uma possível inferioridade física e em nenhum outro campo. A proposta central estava em torno de retirar a mulher do jogo do “convencionalismo servil e estúpido”, dando-lhe chances de educar-se e ilustrar-se, abrindo os horizontes à sua inteligência e deixando que ela aliasse os seus dotes intelectuais à sua intuição. Havia também um esforço para demonstrar a coragem, o valor e a abnegação feminina, indo de encontro ao artigo analisado, o qual só teria buscado exaltar os seus erros e vícios, esquecendo todas as suas virtudes (PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 35, 1º jun. 1895, p. 2-3).

Quando em 1º de junho de 1895 Sílvia da Vinha vê publicado o seu texto “A emancipação das mulheres” no periódico no qual vinha colaborando como contista desde que *Pontos e Vírgulas* viera à luz, em 1894, sabia por certo que a forma, mais ainda do que o teor do que escrevera, se distanciava do que até ali fizera no jornal portuense.

“A emancipação das mulheres” não apresenta a forma clássica de um conto. Porém, poderia em última análise enquanto micronarrativa introduzir os tópicos presentes nesse gênero literário. Esse não é o foco essencial deste estudo, mas antes de deixa-lo passar despercebido, o seu registro permite que fique assinalada a “marca” de *Sílvia da Vinha: escrita feminina na imprensa caricata portuense*, livro publicado em 2019 e que concatena a produção atribuída à “autora”². Tal aspecto torna-se relevante em

² Texto ampliado a partir de: ALVES & LOUSADA, 2019.

virtude de, até à data, não ter sido ainda possível descartar a hipótese de se tratar de um nome que encobre um pseudônimo. Prática recorrente à época e ainda mais no quadro das características da imprensa caricata é, pois, plausível que assim o seja.

Esta questão não é de somenos na medida em que o texto que surge na 47ª posição em 52 reunidos no livro dedicado a Sílvia da Vinha é disruptivo em relação a todos os outros. O que o torna particularmente contrastante e, nesse sentido, individualizável é o modo como apesar de remeter para um universo em que existe tempo, ação, protagonista (em certa medida clímax) e consequência, introduz o leitor em um contexto muito particular de intertextualidade (o que aliás não é inédito entre os demais autores e colaboradores do e no periódico em epígrafe).

Sob o título “A emancipação das mulheres” que ocupa no jornal a mesma posição dos contos acompanhados pela sua assinatura, o leitor é surpreendido pela afirmação: “Subordinado a esta epígrafe, insere a *Correspondência do Norte* um artigo que se impôs grandemente à minha admiração, quando mais não fosse, pelo extraordinário retrocesso das suas ideias”. Para logo em seguida explanar a razão da sua indignação. Pelo proêmio saberá desde logo o/a leitor/a ao que vai.

Comum era também a interlocução entre articulistas nos periódicos, sobretudo do século XIX. Autênticos debates se desenrolavam por vários números, alguns quase em modo folhetinesco.

O que diz em particular esta contenda aqui trazida a escrutínio?

Desde logo importa salientar que se trata de uma questão em grande medida intemporal e que, ao longo dos séculos, foi assumindo contornos naturalmente muito particulares acompanhados até de termos diferentes,

adjetivados de modos distintos, consoante as épocas e as geografias alcançadas, desde emancipação, libertação, deveres e direitos, condição feminina, hoje igualdade de gênero, entre tantos outros. Todavia, em qualquer dos casos subjaz a enunciação de desigualdade entre sexos, centrada na sujeição ou não das mulheres a disposições legais, como, por exemplo, prós e contras, o direito ao voto, a poder ingressar em uma universidade, na escolha de um curso, de uma profissão, para nomear só algumas ou a questões de outro pendor mas ainda assim implicando diferentes lugares de poder como foi o caso de não poderem viajar as mulheres sem autorização do marido e/ou do pai para o estrangeiro até bastante tarde na sociedade portuguesa.

Em 1895, no caso vertente, o texto que fora publicado, logo na primeira página, em *A Correspondência do Norte*, em Braga, no dia 25 de maio, e contra o qual Vinha se insurgia, obriga antes de mais a uma clarificação. Segundo foi possível apurar a orientação e natureza dos dois jornais era diametralmente oposta, não será por isso de estranhar que o teor dos textos o deixe transparecer e esse fato seja importante. As/os leitora(e)s teriam perfis diferenciados também e audiências definidas.

Por fortuna na investigação, entretanto feita, resultou a identificação do autor com o qual Sílvia da Vinha “dialoga”, mas cujo nome omite na sua narrativa. Trata-se de Alfredo Gallis (1859-1910). Não será despidendo, para a abordagem que aqui resumidamente é feita, aludir ao fato de que nessa época Gallis era um dos mais lidos autores, no Brasil, em um gênero que se afirmava como “Leitura para homens”³, escritor profícuo de matéria licenciosa o que

³ Veja-se a este respeito MOREIRA; e VENTURA, 2011, p. 167-174.

aliás o terá descredibilizado enquanto intelectual das Letras, apesar de assinar esses seus textos com o pseudônimo Rabelais.

Ora estes dados a que aludimos permitem antever um diálogo *sui generis* entre sujeitos com pontos de vista antagônicos.

Parte o texto de Gallis da reflexão elaborada em torno do resultado de pesquisas que reclama científicas do professor [Johan August] Strindberg (1849-1912), escritor e dramaturgo sueco⁴, indicando ser aquele membro da “Sociedade Antropológica de Viena” e tendo publicado «um sábio artigo no qual demonstrou até à saciedade que os recursos intelectuais das mulheres são muito inferiores aos dos homens». O artigo publicado antes surgiu com o título: *On the Inferiority of Women* traduzido (STRINDBERG, 1895, p. 1-20) depois como *De l'infériorité de la femme*.

Identificados os dados para a querela e citando Sílvia da Vinha, grassava a ameaça “pelo extraordinário retrocesso das suas ideias”. Em campos opostos, Vinha e Gallis, respectivamente a primeira, pela emancipação das mulheres (negando a inferioridade) e o segundo, contra a emancipação delas. Não deixa de ser curioso uma vez que

⁴ Note-se a antecipação com que Gallis cita a tradução francesa do texto de Strindberg (publicada em *La Revue Blanche* a 7 de Janeiro de 1895) e como no século XIX os periódicos permitiam a circulação de ideias em uma atualização admirável, sobretudo pelo fato de que o texto fora publicado em inglês, em 1890, e é a versão francesa, retomada no artigo em português, cerca de 4 meses depois, corroborando também que a penetração de textos provenientes do estrangeiro era, regra geral, à época, mediada pela língua francesa. A monumental obra de August Strindberg terá sido basicamente ignorada em Portugal, como oportunamente refere o *Observador* em artigo de Joana Emídio Marques, publicado em 2016, <https://observador.pt/especiais/portugal140-anos-espera-august-strindberg/> Acessado em 30 Maio de 2020

não foi ainda possível distinguir a *persona* de pessoa relativamente a S. Vinha afirmar-se neste artigo publicado num jornal menos “sério” mais próprio ao deleite, como advogada da causa de emancipação das mulheres assumindo-se como uma delas, uma vez mais fazendo crer sê-lo:

“Eu que reconheço a inferioridade física **do meu sexo**, não questiono que dela mesmo se ressinta, em vigor, a inteligência da mulher. Mas não é disso que me ocupo, não é essa a solução que procuro; a nada vem isso agora. Se eu tivesse muitos desejos de o profundar, não menos ambicionaria examinar anatomicamente o encéfalo do escritor de que me venho ocupando...” [grifos nossos]

Em contrapartida é em um jornal com uma existência já longeva, e considerável para a época em apreço⁵, que um jornalista e escritor aponta como nefasta a emancipação das mulheres assumindo-se em um discurso misógino escudando-se nos ensaios de biólogos e antropólogos, mas baseando-se em argumentos tão falaciosos como costumeiros em desejar para a mulher o lugar ditado pelos manuais de civilidade, ou como, em *Carta de Guia de Casados*, no ano de 1650 afirmava D. Francisco Manuel de Melo:

“Nos cuidados e empregos dos homens não se metam as mulheres, fiadas em que também têm como nós entendimentos, e em que a alma não é macho, nem é fêmea, como alguma em seu favor alegava” (MELO, 1995. p. 73).

⁵ A CORRESPONDÊNCIA DO NORTE, Braga, a. 1, n. 1, 19 jun. 1880 - a. 27, n. 2335, 5 maio 1906 – proprietário Manuel Ribeiro de Carvalho; Director e Administrador Henrique Augusto Rouffe.

Já que afirma Gallis despidoradamente:

“Desgraçados dos homens e da sociedade, no momento em que se masculizassem as senhoras.

Ainda hoje recorro com indignação a noite em que ouvi uma senhora das minhas relações, discretoar sobre política dizendo-se liberal da gema!!!

Felizmente que já era velha e feia, porque se fosse nova e bonita ter-me-ia lançado pela janela fora.

O verdadeiro encanto de uma senhora, é saber ser banal com graça e distinção”.

Retomando D. Francisco Manuel de Melo em tudo com ele concorda, em suma:

«Diz bem por isso o rifão: Do homem a praça, da mulher a casa.» (idem, ibidem p.59)

Sendo que 1650 (data da *Carta de Guia de Casados*) dista em muito da data em que o autor postula semelhantes princípios, sábado 25 de maio de 1895, dando por isso mesmo razão a Sílvia da Vinha ao insurgir-se contra o retrocesso das ideias que lera posicionando-se inequivocamente:

“Eu creio piamente, e nisso encontro razoável justificação aos erros que li com profundo asco, que o autor tem conhecido da mulher de hoje apenas a boçal e a rameira. Nem doutro modo se compreendem tão grosseiras como injustas apreciações.

E é de ver como o crítico exagera e encarece os defeitos da mulher, fazendo-a responsável deles e esquecendo que esses defeitos são os do seu século e a consequência imediata e fatal da má orientação de uma educação sobrecarregada e, aliás, insuficientíssima.”

Muito mais haveria a discorrer, porém, noutra oportunidade será retomada a interlocução entre ambos os articulistas a propósito dos seus textos sobre “emancipação das mulheres” e da educação, já que são indissociáveis. Em modo de remate pode-se lembrar que quando se publica em maio o texto de Gallis, anunciava-se e promovia-se no mesmo periódico “A Arte de Viver em Sociedade”, por Maria Amália Vaz de Carvalho, sendo que no mesmo número, e em pé de página, corria o folhetim *O Único Amor*, de Gilberto Vargas. Também aí se podia ler na página 2, em modo de anúncio:

“Liceu Nacional: Para os exames de instrução secundária entraram 363 requerimentos de alunos estranhos ao Liceu, sendo 336 do sexo masculino e 27 do sexo feminino.”

Explícito, portanto, ao observado. Entre contos é só fazer acerto de contas.

A emancipação das mulheres

Subordinado a esta epígrafe, insere a *Correspondência do Norte* um artigo que se impôs grandemente à minha admiração, quando mais não fosse, pelo extraordinário retrocesso das suas ideias.

Aferida a mulher, em geral, pela *cocote* do *boulevard* ou pela bailarina da ópera, o autor compraz-se em entornar por uma suja tela as sombrias tintas de uma pintura mentida, em espriar-se por uma lógica aviesada, que vem, inconscientemente, servir os interesses daquelas que ousam respirar um pouco acima do pântano em que

as atuais convenções sociais pretendem sufocar-lhes as legítimas as aspirações de emancipação.

Foi com infinita dor, com uma comiseração sentidíssima, que eu lamentei incomparavelmente mais a superioridade intelectual do supracitado autor do artigo, do que a tão decantada inferioridade da mulher... Que pena eu tive desse ser superior, vendo-o, a ele, tão altivo! curvado, humilhado, vencido, perante esse *bibelot* caprichoso, perante essa galante nulidade, rastejar pela adulação, conspurcar-se pela mentira, rojar-se em holocausto à “beleza sem alma, ou até à licença sem beleza”, à falta de compreender um ideal melhor!... Quanto mais não admiro eu a mulher que eleva as ideias e os sentimentos acima do tremedal em que ele quisera afundar-lhe a alma!

Eu creio piamente, e nisso encontro razoável justificação aos erros que li com profundo asco, que o autor tem conhecido da mulher de hoje apenas a boçal e a rameira. Nem doutro modo se compreendem tão grosseiras como injustas apreciações.

E é de ver como o crítico exagera e encarece os defeitos da mulher, fazendo-a responsável deles e esquecendo que esses defeitos são os do seu século e a consequência imediata e fatal da má orientação de uma educação sobrecarregada e, aliás, insuficientíssima.

Eu que reconheço a inferioridade física do meu sexo, não questiono que dela mesmo se ressinta, em vigor, a inteligência da mulher. Mas não é disso que me ocupo, não é essa a solução que procuro; a nada vem isso agora. Se eu tivesse muitos desejos de o profundar, não menos ambicionaria examinar anatomicamente o encéfalo do escritor de que me venho ocupando...

Esse ser que ele amesquinha só tem, a seu ver, uma fase apreciável – a maternidade. ainda bem que me poupa

a argumentos e vem incautamente provar que a mulher de quem ele se gloria de fugir, como o safio ao escapar da rede, não é a futilidade que ele afirma. Ainda bem que reconhece, apesar de tardiamente, o sacerdócio que ela faz dos seus deveres, apenas iniciada neles.

Pois bem: arranque-se a mulher ao círculo esmagador do convencionalismo servil e estúpido em que ela se debate; eduque-se; ilustre-se; abram-se-lhe amplos horizontes à inteligência; deixe-se que livremente ela alie aos seus dotes intelectuais a superior percepção de que dispõe, a sua incontestável e elevadíssima intuição do grande; deem-se-lhe grandiosos fins que lhe polarizem as ideias e ver-se-á a mulher cingida de uma nova e maravilhosa auréola.

É àqueles que, com fumaças de eruditos, pretendem ridicularizá-la que eu lembro como a mulher se exaltou, como atingiu o sublime, na grande epopeia do martirologio cristão. Companheira inseparável de todos os desgraçados, ela que era débil para a lua, foi forte e valorosa para o sofrimento. Compreendida todas as dores, adivinhava todos os perigos: era a imagem viva do conforto; a misteriosa encarnação da providência. Nunca houve sacrifício que a fizesse recuar, nem penoso dever que a intimidasse. Era à cabeceira do enfermo, à porta da cabana do pobre, guardando os vasos sagrados, chupando o sangue das feridas dos mártires, dando-lhe piedosamente sepultura às cinzas que ela se encontrava.

E na hora da provação, quando os perseguidores da sua lei a conduziam à morte, ela sorria ao tormento. No meio das chamas, relanceava olhos compassivos pelos seus verdugos e orava por eles, pelos bárbaros, que não sabiam o que faziam.

Eis um prisma porque talvez nunca o autor do artigo encarasse a mulher. Foi-se pela ignorância e lhe colheu apenas a secreção da alma – os erros, os vícios. As virtudes, acalcanho-as.

Creio bem que desta superioridade de intelecto, deste primor de observação não culpará ele também a mulher...

Pontos e Vírgulas, Porto, a. 2, n. 35, 1º jun. 1895, p. 2-3.

Revocata Heloísa de Melo: a presença da mulher

Luciana Coutinho Gepiak*

Revocata Heloísa de Melo (1853-1944) é uma das mais importantes e longevas publicistas vinculada à escrita feminina no contexto sul-rio-grandense e brasileiro. Colabora com diversos periódicos no contexto regional e nacional, notadamente os de natureza literária e tem participação importante num dos primeiros jornais femininos do Rio Grande do Sul, a *Violeta*. Edita por seis décadas um dos mais importantes representantes da imprensa feminina brasileira, o *Corimbo*. Em termos de produção bibliográfica, publica junto da irmã Julieta Monteiro os livros *Coração de mãe* (1893) e *Berilos* (1911),

* Luciana Coutinho Gepiak é graduada em Letras (FURG), Especialista em Literatura Brasileira Contemporânea (UFPEL) e em Rio Grande do Sul: sociedade, política e cultura (FURG), Mestre em Letras (FURG) e Doutoranda em Letras pela mesma Universidade. Atua como Assessora de Literatura na Secretaria Municipal de Cultura. Tem dois livros publicados em coautoria na Coleção Documentos (CLEPUL/Biblioteca Rio-Grandense) e três publicados na Coleção Rio-Grandense (Cátedra Infante Dom Henrique/Biblioteca Rio-Grandense).

além de ter sido autora de *Folhas errantes* (1882). Em sua obra, a presença da mulher é uma constante, como demonstra o breve arrolamento seguinte.

Vários textos publicados pela autora estão presentes na *Violeta*, representante gaúcha da imprensa feminina e literária, editada pela sua irmã Julieta de Melo Monteiro, e sendo Revocata a maior colaboradora da folha. Trata-se de um periódico literário, mas sua particularidade é exatamente a presença plenamente feminina entre suas redatoras e colaboradoras na elaboração dos textos, bem como a meta de difundir temas voltados a promover a leitura entre as mulheres.

A *Violeta* circula na cidade do Rio Grande entre março de 1878 e julho do ano seguinte e “suas propostas editoriais já ficavam demarcadas pelo dístico estampado em seu cabeçalho”, se apresentando como literária, crítica e instrutiva. O periódico tem uma particularidade fundamental “ligada ao fato de que, além de ter uma mulher como redatora e proprietária”, também as suas colaborações eram “da autoria de representantes do sexo feminino”, bem como “o principal público alvo da folha” ser as mulheres. As principais seções do jornal eram as “‘Rosas literárias’, na qual eram divulgados escritos em prosa, ‘Íris poético’, destinada aos textos em verso e ‘Miríades’, em que aparecia uma série de correspondências trocadas entre as leitoras” (ALVES, 2013, p. 130-131).

O jornal também faz “comentários acerca de periódicos e obras bibliográficas” e apresenta uma “‘Revista dos jornais’, na qual eram citados os diversos periódicos com os quais a *Violeta* fazia intercâmbio, enviando e recebendo exemplares”. Esta prática revela os alcances do semanário, o qual “fazia permutas com publicações oriundas não só do Rio Grande do Sul, como também de diversas localidades espalhadas” por todo o

Império Brasileiro, “bem como do exterior, caso dos Estados Unidos e de Portugal”. Desta maneira, a folha leva sua mensagem a lugares longínquos, definindo-se “como um ensaio de jornalismo feminil, constituindo um dos primeiros tentames que se fazia na imprensa rio-grandense” visando a “mostrar que a mulher, além do encanto do lar”, poderia também atuar “na república das letras, nas lutas da inteligência e nos prélios da imprensa” (ALVES, 2013, p. 131).

Ao longo da existência da *Violeta*, Revocata “teve uma participação relevante”, já que “ela foi a mais importante colaboradora no jornal”, trazendo “textos em prosa e verso” e contribuindo “significativamente com o intercâmbio de trabalhos”. Mesmo que a publicação “mantivesse a característica básica de constituir uma iniciativa praticamente unipessoal” de Julieta Monteiro, “sua irmã acompanhou-a e auxiliou-a em muitas das etapas da elaboração do periódico”. Com “a assinatura de seu nome” ou “sobre a rubrica de um de seus pseudônimos”, principalmente Hermengarda, “Revocata de Melo foi a autora mais assídua” no quadro das colaboradoras da *Violeta* (ALVES; PÓVOAS; GEPIAK, 2016, p. 45).

Os trabalhos da autora “estiveram presentes na seção ‘Rosas literárias’, com escritos em prosa voltados à abordagem dos mais variados temas”. Ela escreveu também no “‘Íris poético’, no qual, em menor escala, divulgava versos de sua lavra”. Revocata “participou ainda da seção ‘Miríades’, na qual entabulava vários diálogos com as leitoras do jornal, mantendo um estilo mais coloquial”, quase como se mantivesse uma conversa envolta em certa informalidade “com outras mulheres que compunham a rede discursiva na qual as informações/opiniões emitidas pelo periódico gravitavam” (ALVES; PÓVOAS; GEPIAK, 2016, p. 45).

Um dos textos publicados por Revocata nas “Rosas literárias” traz uma de suas temáticas favoritas, sob o título “A mulher e os seus direitos”, o qual viria a ser republicado no *Arauto das Letras*, com pequeno acréscimo. Como epígrafe, a autora traz impressões de F. C. Santiago Dantas, militar e escritor brasileiro (BITTENCOURT, 1969, v. 1, p. 9), a respeito da função social feminina, enfatizando que “muitas mulheres têm na sociedade representado papel importante, conseguindo tanta glória que grande parte dos homens bem pode invejar”. A escritora até reconhece que “a mulher é o anjo do lar, ente fraco por natureza”, entretanto estaria fadada “a grandiosas missões”, de modo que ela deveria também “nascer para grandes cometimentos”. Ela questiona o quanto “importa a fragilidade de matéria, quando o espírito pode alar-se, e a ideia rebentar cintilante, sublime e grandiosa” (VIOLETA, 1 jun. 1879, p. 1-2).

Na continuidade do texto, Revocata de Melo considera que “o gênio, esse meteoro deslumbrador, desconhece os sexos”, de modo que, “desde a antiguidade, em quanta fonte feminil tem ele derramado suas brilhantes fagulhas?!”. A escritora defende com ardor que a mulher – “por meio do estudo e das letras”, vem a procurar “a ilustração, a ciência, o dourado pomo da sabedoria aclarando o espírito e desterrando a ignorância” – torna-se “mais digna de louvores e de admiração que o homem”. Desta maneira, a autora enxerga que, sem se “afastar dos labores do lar” e da “da esfera doméstica”, a mulher poderia “dar amplo espaço às suas aspirações de glória” (VIOLETA, 1 jun, 1879, p. 1-2).

A escritora gaúcha sustenta que “é errôneo o pensar e até dizer que a mulher dada às letras falta aos deveres

domésticos” e, diante de tal asserção ela protesta, afirmando: “conheço bem de perto uma senhora que apesar de dominada pela enfermidade e tendo a seu cargo numerosa família, criancinhas a quem jamais faltou o cuidado”, não deixara “de estudar, procurar livros científicos e no silêncio das noites ilustrar seu espírito”. Revocata comenta ainda sobre a mesma senhora que, “mais tarde quando suas filhas chegaram a idade do conhecimento”, influenciou-as em direção ao “amor pela literatura, dando-lhes bons e proveitosos livros, assim como a educação doméstica, que é a paz e a união da família”. A partir de tais reflexões a autora exclama: “Deixem-nos pois hastear nosso estandarte, soltarmos o grito” de “luta em prol de nossos direitos” (VIOLETA, 1 jun, 1879, p. 1-2).

Ainda nos primeiros números do *Arauto das Letras*, Revocata reedita o seu artigo “A mulher e os seus direitos”, o qual já fora publicado na *Violeta*. Nesta versão, entretanto, há um acréscimo de dois parágrafos escritos logo antes do fechamento do texto. Tal trecho diz que “é da ordem, da atividade e inteligência da mulher, que mais depende o engrandecimento do lar, pois que os bons exemplos das mães são o espelho constante que os filhos têm diante de si”. Insistindo na questão da educação feminina, a autora questiona “quem mais no caso de desenvolver nos espíritos vacilantes, que a mulher instruída, sensível, senhora de educação sólida”, que poderia “se estender aos conhecimentos que imperam na vida doméstica da sociedade?”. A reedição do artigo não deixa de ser um reforço da escritora em torno dos princípios que pretende difundir (ARAUTO DAS LETRAS, 20 ago. 1882, p. 1-2).

A mulher e os seus direitos

Muitas mulheres têm na sociedade representado papel importante, conseguindo tanta glória que grande parte dos homens bem pode invejar; aos que vos julgam, senhoras de uma natureza inferior à nossa, apresentarei na história os exemplos de Judite, Semiramis, Joana D'arc, Catarina da Rússia, Carlota Corday, Mme. Stäel e Jorge Sand.

F.C. de Santiago Dantas.

É incontestável que a mulher é o anjo do lar, ente fraco por natureza, porém fadado a grandiosas missões; quer desempenhe os deveres de mãe, filha ou esposa, tem sempre um tarefa árdua imposta primeiro pelas sagradas leis do coração, depois pela sociedade sempre vigilante, sempre pronta ao castigo severo, embora muitas vezes justo.

Assim também, por que não havia a mulher nascer para grandes cometimentos?

Que importa a fragilidade de matéria, quando o espírito pode alar-se, e a ideia rebentar cintilante, sublime e grandiosa!

O gênio, esse meteoro deslumbrador, desconhece os sexos; desde a antiguidade, em quanta fonte feminino tem ele derramado suas brilhantes fagulhas?!

A mulher que por meio do estudo e das letras busca a ilustração, a ciência, o dourado pomo da sabedoria

aclarando o espírito; e desterrando a ignorância, é mais digna de louvores e de admiração que o homem; porque nem (pela sua sensibilidade meiguice e natural ternura) se poderá jamais afastar dos labores do lar; e luta para no estreito âmbito da esfera doméstica, dar amplo espaço às suas aspirações de glória.

É errôneo o pensar e até dizer que a mulher dada às letras falta aos deveres domésticos.

Protesto! - Conheço bem de perto uma senhora que apesar de dominada pela enfermidade e tendo a seu cargo numerosa família, criancinhas a quem jamais faltou o cuidado, o carinho imposto pelo dever de mãe extremamente amorável; não deixou por isso de estudar, procurar livros científicos e no silêncio das noites ilustrar seu espírito; e mais tarde quando suas filhas chegaram a idade do conhecimento, ajudada de um ilustre mentor, infiltrou-lhes o amor pela literatura, dando-lhes bons e proveitosos livros, assim como a educação doméstica, que é a paz e a união da família...

É da ordem, da atividade e inteligência da mulher, que mais depende o engrandecimento do lar, pois que os bons exemplos das mães são o espelho constante que os filhos têm diante de si.

E quem mais no caso de desenvolver nos espíritos vacilantes, que a mulher instruída, sensível, senhora de educação sólida, que possa se estender aos conhecimentos que imperam na vida doméstica da sociedade?

Deixem-nos, pois, hastear nosso estandarte, soltarmos o grito não da rebeldia, nem da revolta anarquista, mas sim de apelo ao templo de Minerva, a luta em prol de nossos direitos.

VIOLETA, Rio Grande, 1 jun. 1879, a. 2, n. 49, p. 1-2.

ARAUTO DAS LETRAS, Rio Grande, 20 ago. 1882, a. 1, n.

3, p. 1-2.

Outra das publicações de natureza literária em que Revocata insere textos de sua autoria foi o periódico pelotense *Progresso Literário*, que circulou na segunda metade dos anos 1870. Com base em seu título, ao publicar seu programa a folha afirma que “não é unicamente pelo desenvolvimento material que se deve ajuizar do progresso de uma cidade, de um povo ou de uma nação”, devendo também ser levado em conta o “desenvolvimento literário” em prol da “marcha da civilização”. O semanário ressalta a importância das letras para “a instrução de todas as camadas sociais”, de modo que, através dela, “o povo pode conhecer os seus direitos e os seus deveres”. O jornal se anuncia como “exclusivamente literário e recreativo”, voltando-se “a todos os amantes da boa literatura” e contando com a colaboração daqueles que “tenham a peito o desenvolvimento das letras”, rogando que fossem “abençoadas as letras e os seus infatigáveis cultores” (PROGRESSO LITERÁRIO, 4 fev. 1877, p. 1-2).

Uma década depois, o *Progresso Literário* tem uma segunda fase e nesta também Revocata de Melo se faz presente, com a publicação do texto “A educação no lar”. Em tal escrito a autora realiza uma preleção a respeito da importância do papel familiar na formação das crianças. Ela salienta que para tanto lhe falta não só “esclarecimentos de espírito”, quanto “a precisa prática”, mas, ainda assim, insiste em abordar “esse melindroso tema”, naquela “familiar palestra com as nossas benévolas leitoras”. A escritora justifica sua perseverança em discutir o assunto tendo em vista o papel da família e notadamente das mães para a realização da educação praticada nos lares. Para justificar suas afirmações, Revocata lança mão de citações do escritor e jornalista brasileiro Bernardo Saturnino da Veiga, acerca da necessidade de, ainda no lar, combater “as

fraquezas de espírito” e propagar a “energia moral”. A partir daí, a articulista valoriza o papel dos exemplos a serem dados à infância, do estímulo ao trabalho e da “acurada educação moral”, como pontos essenciais na realização da educação no lar (PROGRESSO LITERÁRIO, 12 ago. 1888, p. 2-3).

A educação no lar

Sem dúvida parecerá a muitos uma temeridade nossa aventurar pareceres sobre o tão importante quão difícil cargo de educadora e mãe, quando falta-nos para isso, além de muitos esclarecimentos de espírito, a precisa prática, muitas vezes de mais valioso alcance que uma bem desenvolvida e acertada teoria.

Procuramos, no entanto, esse melindroso tema para esta familiar palestra com as nossas benévolas leitoras, pelo motivo de que, provamos-lhe com estas humildes asserções sobre uma questão aliás de interesse ao nosso sexo, o quanto nos é afeta a nossa educação do lar, aquela a que incontestavelmente devemos o nosso modo de proceder e sentir, aquela que nasce sob os carinhos e cuidados da mais adorável e respeitada das criaturas, a mulher-mãe, única que na compreensão de sua sagrada tarefa, sabe, como acertadamente diz-nos um ilustre colega, que: “Educar os filhos é constituir a família, e constituir a família sobre a sólida educação, é organizar a sociedade, e organizar desse modo a sociedade é dar bases firmes e fecundas à grandeza e à prosperidade nacional”.

Positivamente, é de imensa responsabilidade ao país a educação da prole querida; de uma descurada educação provém essas aterradoras tempestades, que no

futuro servem para vedar-nos o abençoado caminho do viver, que nobilita e a que uma defeituosa e viciada educação não nos pode conduzir.

Quão pesada será a luta por vezes levantada no seio de extremosa mãe, cremo-lo verdadeiramente; o grande desejo de conceder perdão ao filho querido, deve dificilmente ficar abafado à voz da razão, do direito, que manda fazê-lo conhecer a gravidade da falta cometida, com a mesma justiça e severidade usada para com aqueles que lhe são estranhos.

Eis aí porque não nos cansaremos a encarar a educação do lar como o mais profícuo e salutar princípio ao desenvolvimento moral e social.

Faremos nossas as considerações seguintes, devidas à brilhantíssima pena de Saturnino da Veiga, tratando da educação dos filhos:

“Combater todas as fraquezas de espírito que possam comprometer a energia de que o homem deve ser dotado, para resistir a todos os males físicos e morais que a vida possa oferecer”.

Mesmo no caso de moléstia, que por sua rebeldia ou gravidade possa trazer ao espírito da vítima fracas esperanças de novas forças para o organismo, o desânimo é um mal imenso que só a educação pode impedir, e que, entretanto, parece passar despercebido nas casas de família.

A energia moral substituirá o desânimo inqualificável que quase sempre embrutece o indivíduo e que aos próprios males da vida ajuntará outros mais numerosos e intoleráveis.

Quais os que produzem a velhice precoce, a falta de paciência e justiça para apreciar alheios atos, donde frequentemente resultam antipatia e ódios?

Reconhecido está de há muito o quanto o exemplo

influencia nos ânimos infantis – isto com exceções – assim como o pouco valimento mesmo da mais cuidada educação dos mestres àqueles cujos primeiros passos foram dados sem a mais leve resistência, em meio da condescendência sem limites, na satisfação de todos os caprichos e vontades.

Contra todos os dados precisos à felicidade com que pela nossa índole, costumes e sentimentos podemos formar, parece-nos do mais poderoso alcance obstar a indolência dos filhos: sabemos bem as funestas consequências deixadas ao lar e à sociedade pelo indivíduo a quem o trabalho amedronta e enfastia; seja embora a criança cercada de todos os elementos possíveis a anunciar-lhe um futuro pleno de garantias, cumpre a bem de sua vitalidade física e moral inculcar-lhe atividade, predispô-la ao labor, à causa benéfica e sacrossanta do trabalho; o ócio obumbra os mais puros e límpidos sentimentos, ele aspira o aconchego do vício, que de seu horrído abismo seduz os incautos e aprisiona os fracos de espírito, os infelizes a quem faltou acurada educação moral.

Muito teríamos a expor sobre a educação dos filhos, terminamos, porém, dizendo: o coração dos filhos é o espelho moral onde vão refletir-se os mais pequeninos atos paternos, as mínimas insignificâncias passadas no lar, e que por tal modo se retratam as imagens boas ou más naquele espelho, que nunca mais esvaecem, perdurando a vida inteira.

Rio Grande – 1888.

PROGRESSO LITERÁRIO, Pelotas, 12 ago. 1888, a. 3, 2ª fase, n. 7, p. 2-3.

A ação conjunta de Revocata com sua irmã Julieta é uma constante e dessas atividades resulta o livro *Berilos*, lançado em 1911, vindo a constituir mais uma obra escrita em parceria entre as irmãs Melo. O livro tem as dimensões 17,3 cm X 12,2 cm e não há referências à editora, indicando que se trata de uma publicação realizada pelas próprias autoras. O título é uma alusão a um mineral que, se trabalhado, adquire certo valor vinculado à preciosidade das pedras. A palavra berilo traz o sentido de um mineral hexagonal, ou ainda uma pedra preciosa, trazendo consigo a intenção das autoras em apresentar uma joia literária ao público leitor. A colaboração entre as irmãs se restringe à edição do livro, uma vez que em *Berilos* ficam discriminados cada um dos segmentos por elas escrito, respectivamente.

O “Primeiro Livro” de *Berilos* traz na folha de rosto inicial a identificação da autoria – Revocata H. de Melo – e, no verso da mesma, suas obras. Nas outras folhas de rosto aparece a dedicatória referente aos entes queridos perdidos por Revocata: “À pranteada memória dos meus adorados mortos – culto de eterno amor”, e aos seus sentimentos fraternos: “Aos idolatrados irmãos e amigos de sempre Julieta e Romeu – tributo do coração”. As duas partes nas quais se divide este primeiro livro têm denominações também ligadas ao título geral da obra, pois a primeira, com catorze textos chama-se “Reflexos”, ao passo que a segunda, “Cintilas”, é composta por vinte textos. Tais nomes trazem em si tanto o reflexo e o tom cintilante das joias, traduzindo a perspectiva da reflexão e do cintilar do pensamento que pode estar presente na obra literária. Neste sentido, a primeira parte é composta por contos e a segunda, por crônicas somadas a breves pensamentos sobre diferentes conteúdos da vida em sociedade, envolvendo meditações pessoais da autora.

Na primeira parte, aparecem os contos aqui destacados: “O dote” e “A suicida”. As ideias de Revocata de Melo acerca do papel social feminino e a relevância da educação na formação da mulher ficam evidenciadas no conto “O dote”. O texto retrata um melancólico e frio entardecer de inverno no qual um casal de velhos, somente ele identificado pelo nome de Eduardo, sem que haja indicação do nome da esposa, dialogam acerca de todos os esforços feitos para conseguir formar um dote para sua filha Helena. O espírito dominante é o de arrependimento pelo mau casamento de Helena. Por meio da conversa do casal se dá a defesa da instrução como condição fundamental para a formação feminina (MELO; MONTEIRO, 1911, p. 31-34).

A triste história de “O dote” termina em tragédia, quando o texto revela que o destino da infeliz Helena fora o túmulo. Entretanto, fica um rasgo de esperança, pois ela deixara uma filha, agora sob os cuidados dos avós e Eduardo demonstra uma renovação de suas convicções, afirmando que a neta haveria de ir à escola e de “se habilitar para os imprevistos da sorte”, não sonhando para ela “um dote em dinheiro e sim um marido honrado e educado” que a procurasse “para sua companheira pelo amor nobre que transforma em paraíso as agruras da vida”. A frase que encerra o conto é lapidar e conclusiva em relação ao pensamento em pauta: “Um marido alcançado pelo dote é um marido comprado” (MELO; MONTEIRO, 1911, p. 33-35).

O dote

Caía a tarde sob uma neblina hiberna, sombria e tristonha como são geralmente as tardes de agosto.

Olhando a natureza melancólica, as árvores despidas da opulência da folhagem, os horizontes carregados de nimbos, um casal de velhos, junto a uma tosca janela, velados por uma pequena vidraça, conversavam num tom desanimado e amigável.

Dizia ele: - Mulher, quantas e quantas vezes tenho amaldiçoado a minha ignorância e a minha teimosia em não querer ouvir-te, quando de sol a sol, vergado ao trabalho, como se fora uma besta de carga, arfava de cansaço, sem conhecer dias de folga, com a ideia única de possuir um dote para nossa querida Helena!...

- Eduardo, o arrependimento é quase sempre tardio.

- Quando buscava esclarecer-te o espírito, ficavas de mau humor, retrucavas-me até grosseiramente, e não querias que mandasse a menina a mestre, porque uma mulher para servir a um homem, basta que seja esposa fiel, incansável no serviço doméstico, e mais que tudo, possuidora de um dote!

- Quantas rugas tivemos, porque querias à força demonstrar-me que quem tem um dote em dinheiro é feliz, porque encontra facilmente um marido!

- Tens razão, mulher, os anos, a experiência, a força dos fatos observados, trouxeram-me a certeza do critério dos teus argumentos. Acompanha-me como um fantasma horrível, fere-me como um remorso, aquele dote que, a custa dos maiores sacrifícios, destinei para o marido de Helena!

A mulher que tinha a cabeça pendida nas mãos, limpou os olhos com a ponta do avental, murmurando com a palavra entrecortada de lágrimas: - Ah! querida filha, que tanto sofreste, tanto foste suplicada por um marido algoz, que sem amor, esse sentimento sublime que ameniza as torturas da sorte, sem conhecimento do que

seja o delicado e grande coração da mulher, deu-te a mão de esposo, unicamente para dispor do teu dote!

O velho abanou a cabeça: - É verdade, há um ano que a nossa desgraçada filha dorme nessa paz do túmulo, talvez a única que lhe foi dada depois que deixou o lar paterno!

- E lembrar-me que trabalhei tanto, que fiz as maiores economias, pensando na felicidade de minha filha, e tudo isso que acumulei, passando até privações, foi para dar curso ao vício do tratante, do malvado, do vagabundo, que soube iludir-nos até a hora de apanhar a presa! Juntar dinheiro para aquele odioso patife esbanjar, gastar à larga, com toda a sorte de infâmias, e a pobre Helena, longe de nós, passar fome, frios, vergonhas, e não nos poder contar, nem mesmo por uma carta, porque eu, imbecil, ignorante, cuidava que uma mulher não precisava aprender, bastava ter dote, para achar marido, e ali estava a sua felicidade!

- Ah! bruto que fui eu!

- Dinheiro que só servia para o martírio da infeliz menina, que tanto nos adorava!

A velha assentara-se chorando sempre.

Correra então para ela uma encantadora menina de quatro anos, bela, mimosa, palradora como todas as crianças e estendera-se os alvos bracinhos. A avó, num desses arroubos de ternura, incomparável, que bem espelham o amor que abraça um ser que vive e um ser que é de além túmulo, apertou-a ao peito, beijando-a docemente.

Eduardo passando as frias mãos nos louros cabelos da netinha: - Minha querida, hás de ir à escola, hás de habilitar-te para os imprevistos da sorte; não sonho para ti um dote em dinheiro e sim um marido honrado e educado que te procure para sua companheira pelo amor, pelo

amor nobre que transforma em paraíso as agruras da vida.

- Um marido alcançado pelo dote é um marido comprado.

Berilos. Rio Grande: [s. n.], 1911. p. 31-35.

Também em *Berilos*, quanto às interfaces entre as temáticas abordadas na primeira parte dos escritos de Revocata, ocorre uma aproximação entre a condição feminina e a morte. Neste sentido, “A suicida” traz os dilemas de Regina, personagem única do conto que encara o suicídio como uma alternativa para a sua agonia, vendo tal atitude não como uma covardia e sim como “um meio extremo”, ou seja, o termo de um “viver que atrofia, aniquila o corpo e o espírito”. Regina considera que “saber morrer em certas circunstâncias da vida é um heroísmo”, afirmando que tinha “forçosamente de buscar a morte”. Ao longo do conto, em sua solidão, a protagonista pensa e repensa sua atitude, trazendo diversas reflexões sobre o ato fatal que está por cometer e a culminância da história se dá com Regina sentada ao leito e disparando o revólver contra seu coração. Revocata leva ao leitor um tema complexo como o suicídio, mas também reflete sobre a condição feminina ao revelar, em meio ao texto, o motivo que a levou ao auto-sacrifício. A autora descreve que “Regina era moça, e não pode deixar de vencer-se pela fraqueza do sexo”; ela desejara “ter um coração rijo, um coração de ferro, mas a natureza despertou-a ainda para um pueril capricho”. Em outras palavras, a escritora descreve a situação da moça que perdera a virgindade fora do casamento, condição que à época era encarada com pleno preconceito e considerada como inaceitável. Os rígidos

padrões de conduta moral e social acabavam por ser uma fator de imolação da figura feminina (MELO; MONTEIRO, 1911, p. 15-19).

A suicida

Regina pensava muitas vezes, não, o suicídio não é uma covardia. O coração que sustenta a luta de um sentimento amordaçado, que conta por séculos as horas de suas lancinantes dores morais, tem forçosamente de levantar-se altivo, para buscar num meio extremo, o termo desse viver que atrofia, que aniquila o corpo e o espírito.

E saber morrer em certas circunstâncias da vida é um heroísmo. - Eu tenho forçosamente de buscar a morte.

Chegou à janela. Era noite, no espaço não havia um murmúrio, um agitar de folhas no arvoredado vizinho, tudo silente, quedo, tranquilo!

Que contraste com a revolta da minha alma, pensou ela.

Olhou o mar que se estendia lá embaixo numa imensidade vítrea, sereno, imóvel, sob a prateada tela de um luar cristalino e diáfano, a mostrar em doce arremedo o azul de um céu imáculo e a macilenta face da lua em plena fase de crescente.

Tudo era belo pela natureza em fora.

Regina ficou por momentos como que suspensa entre o pensamento imperioso que apontava-lhe a morte com todo o feliz esquecimento das causas terrenas, e a ideia de que a felicidade chega às vezes de chofer sem se fazer anunciar pelos ruídos festivos. Apareceu-lhe então a visão da saudade...

Súbito, porém, despertou dessa atonia intraduzível: tinha o rosto e as mãos frias e o olhar

indeciso no ar...

- E dizerem que o suicídio nasce de uma alienação! Mentira, ele provém de um desespero, mas não altera os ditames da razão.

Em um rápido porém lúcido acordar de ideias, recapitulou todo o seu passado desde irriante estação infantil, até o presente com os seus nevoeiros de pesado sofrer e as suas cenas de efeito em cambiantes de ventura suprema.

- É preciso morrer, murmurou Regina, num assomo de inevitável propósito!

Sentou-se à escrivaninha e tomou da pena.

- E que vou eu lhe dizer-lhe? Falar-lhe deste amor, deste amor que me tortura e mata? Deixar-lhe uma despedida em meia dúzia de linhas, em fraseado a porejar sentimentalismo, com toda essa ternura, que é o característico da mulher, e que os homens não compreendem?

- Tudo isso classificam eles de banal, quando não apelam para o ridículo... Levantou-se.

- Mostremos ao mundo que a mulher também tem a sua têmpera de aço, disse, atirando a pena sobre o papel.

Caminhou insensivelmente em direção à psique, e levantou os olhos para o espelho. Parou.

- Nós, as mulheres, havemos de ter sempre uma pontinha de vaidade, não esquecendo fazer a toalete mesmo para morrer.

Regina era moça, e não pode deixar de vencer-se pela fraqueza do sexo. Queria ter um coração rijo, um coração de ferro, mas a natureza despertou-a ainda para um pueril capricho.

Penteou-se cuidadosamente, com o esmero com que costumava fazê-lo pensando em agradar aquele por quem sacrificava a vida, os sonhos, as aspirações, os seus

afetos caros, tudo enfim que a prendia ao mundo.

Depois, fez com ânimo e calma toda a toalete, escolhendo o vestido preto para mortalha, por ser o seu traje predileto.

Não esqueceu de prender ao peito um ramallete das suas flores queridas e perfumar o rosto e o cabelo com o extrato a que estava identificada, e que era reconhecido em tudo que lhe pertencia, desde o mais simples vestido caseiro, até as páginas dos livros mais lidos em descanso sobre a fofa almofada de seu leito de pau-cetim.

Pronta para a eterna viagem, Regina tirou do estojo sobre o mármore da psique um pequeno revólver, olhou em volta de si como que a buscar inconsciente o fio que a prendia a terra, e rápida sentou-se bruscamente sobre o leito, e disparou o revólver apontando ao coração.

Berilos. Rio Grande: [s. n.], 1911. p. 15-19.

Revocata Heloísa de Melo escreve num período em que as circunstâncias normais poderiam levar as mulheres à passividade e ao desinteresse quanto às letras. Mas ela faz parte de um grupo seletivo de escritoras, cuja atuação literária e jornalística promove a ação, a leitura e a cultura no contexto feminino. Além disto, ela escreve e opina a respeito de temas variados, demarcando um espaço no qual as mulheres passam a ter voz e participação ativa na sociedade. O papel social das mulheres e as vivências femininas são uma constante em sua obra.

Referências bibliográficas

ALVES, Francisco das Neves. Violeta: breve história de um jornal literário no contexto sul-rio-grandense do século XIX. In: *Miscelânea*, v. 14, p. 125-141, jul. – dez. 2013.

_____. *Escrita feminina no sul do Brasil: Julieta de Melo Monteiro – autora, poetisa, editora e militante*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2018a.

_____. Imprensa periódica literária e escrita feminina: duas “mulheres de letras” no extremo-sul do Brasil. In: *Miscelânea*, v. 24, p. 179-195, jul. – dez. 2018.

ALVES, Francisco das Neves; PÓVOAS, Mauro Nicola; GEPIAK, Luciana Coutinho. *Escrita feminina no sul do Brasil: textos jornalísticos de Revocata Heloísa de Melo*. Lisboa: CLEPUL; Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 2016.

ALVES, Francisco das Neves & GEPIAK, Luciana Coutinho. *As Irmãs Melo: escrita feminina e parceria literária no Brasil Meridional (Berilos, 1911)*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL, Biblioteca Rio-Grandense, 2018.

ALVES, Francisco das Neves & LOUSADA, Isabel Maria da Cruz. *Sílvia da Vinha: escrita feminina na imprensa caricata portuense*. Lisboa: CLEPUL, 2019.

ALVES, José Augusto dos Santos. *O poder da comunicação*. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2005.

ANDRADE, Adriano Guerra. *Pseudônimos de autores portugueses: contribuição para um dicionário*. Lisboa: [s.n.], 1985.

ANDRADE, Adriano Guerra. *Dicionário de pseudônimos e iniciais de escritores portugueses*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999.

ARANHA, Pedro W. de Brito. *Fatos e homens do meu tempo: memórias de um jornalista*. Lisboa: Parceria Antônio Maria Pereira Liv. e Editora, 1907-1908. 3 tomos.

BITTENCOURT, Adalzira. *Dicionário biobibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1969.

BOURDIEU, Pierre. A influência do jornalismo. In: *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 99-120.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CHAGAS, Manoel Pinheiro. *Dicionário popular histórico, geográfico, mitológico, biográfico, artístico, bibliográfico e literário*. Lisboa: Lalléman Frères, 1876-1886. 16 vols.

CUNHA, Alfredo da. *Relances sobre os três séculos do jornalismo português*. Lisboa: Gráfica Santelmo, 1941.

HUYGHE, René. *O poder da imagem*. Lisboa: Edições 70, 1986.

MARTINS, Rocha. *Pequena história da imprensa portuguesa*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1941.

MELO, Francisco Manuel de. *Carta de guia de casados*. Amadora: Ediclube, 1995.

MELO, Revocata Heloísa de. & MONTEIRO, Julieta de Melo. *Berilos*. Rio Grande: [s. n.], 1911.

MONTEIRO, Julieta de Melo. *Alma e coração: livro do passado*. Rio Grande: Tipografia Trocadero, 1897.

MOREIRA, Aline. “Alfredo Gallis (1859-1910), naturalismo e pornografia no final do século XIX”. 2018. Acessado em Maio 2020
http://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547733354.pdf
f.

PEIXINHO, Ana Teresa. Escritores e jornalistas: um estudo de caso. In: RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.). *Outros combates pela História*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. p. 423-436.

PEREIRA, Esteves & RODRIGUES, Guilherme. *Portugal: dicionário histórico, corográfico, heráldico, biográfico, bibliográfico, numismático e artístico*. Lisboa: João Romano Editor, 1904. 7 vols.

RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002. v. 2.

RODRÍGUEZ, Alberto Pena. História do jornalismo português. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (coord.). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta Editora, 1996. p. 351-396.

SILVA, Inocêncio Francisco da & ARANHA, Pedro W. de Brito. *Dicionário bibliográfico português: estudos aplicáveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1923. 23 vols.

SOUSA, Osvaldo Macedo de. *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal (na monarquia, 1847/1910)*. Lisboa: Edição Humorgrafe/SECS, s/data. v. 1.

STRINDBERG, August. "De l'inferiorité de la femme [et comme corollaire de la justification de sa situation subordonnée selon des données dernières de la science]." In *La Revue Blanche* (Tome VIII, 1895, pp. 1-20). Genève: Slatkine Reprints, 1968. (Revue).

TENGARRINHA, José M. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

VENTURA, António. «“Rabelais”, isto é, Alfredo Gallis, o pornógrafo.» in: GALLIS, Alfredo. *Aventuras galantes*. Lisboa: Edições Tinta da China, 2011. p. 167-174.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



ISBN: 978-65-89277-01-9

